



CADERNO DE
ATIVIDADES
SOCIOCULTURAIS

Isabel Galvão



Autora
Isabel Galvão

Design gráfico
Oficina Fritta

Ilustração
Emma Andreetti

Edição
Conselho Português Para os Refugiados

ISBN
978-989-35303-1-3

Financiado por
Projeto FAMI 2020/537
Interação para a Inclusão

Lisboa, abril de 2023

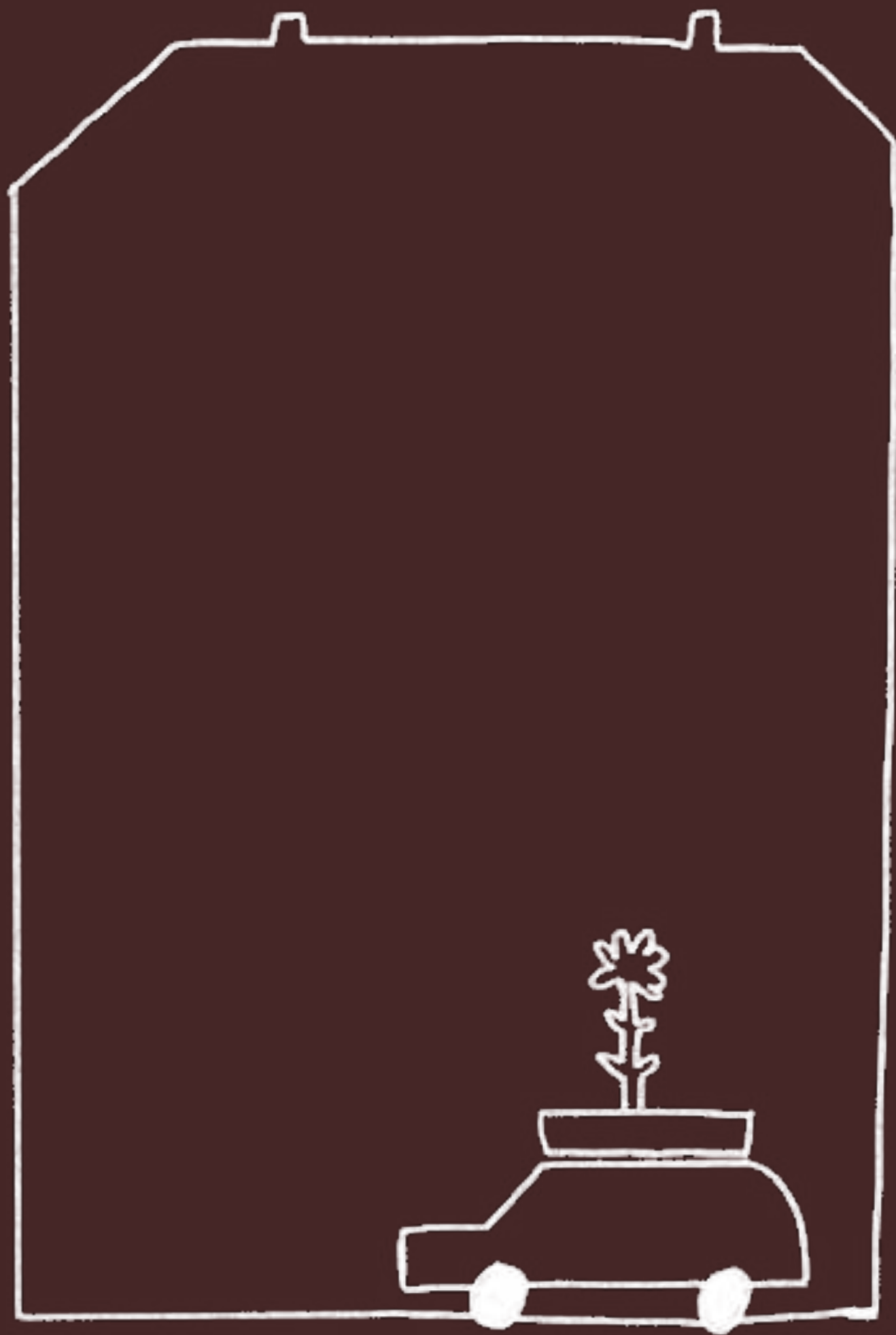
CADERNO DE
ATIVIDADES
SOCIOCULTURAIS

Isabel Galvão

índice

0 - METODOLOGIA	5
1 - ROTEIROS	11
1.1 - Introdução	13
1.2 - Preparação da atividade na sala de aula	16
1.2.1 - Uns dias antes...	18
1.2.2 - Na aula anterior à atividade	20
1.2.3 - Competências linguísticas	21
1.3 - No dia da atividade	22
1.3.1 Como se diz em Português...	26
1.3.2 Ativar os sentidos. Desfrutar.	29
1.4 - Pós-atividade	35
1.4.1 Relembrar, partilhar.	35
1.4.2 Avaliar	41
2 - DIAS ESPECIAIS	46
2.1 - Feriados	48
2.2 - Festividades	49
2.3 - Natal e fim do ano	55
2.4 - Convívios	58

3 - TEATRO	65
3.1 - RefugiActo	66
3.1.1 - Como surgiu	67
3.1.2 - Vozes anónimas de refugiados sobre o RefugiActo	76
3.1.3 - Dar a palavra a quem participou	78
3.1.4 - Teatrário	86
3.2 - Sessões de expressão dramática	91
4 - PARCEIROS	97
4.1 - Casa da Achada	98
4.1.1 - Leitura Furiosa	97
4.1.2 - Dar a palavra	100
4.2 - Museu Calouste Gulbenkian	104
4.2.1 - Aqui eu conto	107
4.2.2 - Dar a palavra	110
4.3 - TODOS - Caminhada de Culturas	112
4.3.1 - Festival Todos	113
4.3.2 - Dar a palavra	115
5 - DAR A PALAVRA AO CPR	117
6 - AGRADECIMENTOS	129



metodologia



A aprendizagem da língua é um grande desafio para quem tem de recomeçar uma nova vida, sendo o seu domínio reconhecido como fundamental no processo de inclusão na sociedade portuguesa.

Quem chega, encontra-se frequentemente numa situação de grande fragilidade.

Não basta estar num país seguro para se sentir livre e confiante em relação ao seu futuro e ao dos seus familiares.

A língua pode ser sentida como uma barreira intransponível para fazer valer os seus saberes e competências, para conquistar a sua autonomia, para assegurar o bem-estar, para alcançar os seus sonhos. O não domínio da língua pode potenciar sentimentos negativos de frustração, dependência e exclusão.

Procurando contrariar esses sentimentos e promover a autonomia, desde 1997, que o Conselho Português para os Refugiados (CPR) desenvolve ações de formação em Português Língua Estrangeira (PLE) e Alfabetização para Falantes de Outras Línguas dirigidas a requerentes e beneficiários de proteção internacional desde a sua chegada aos locais de acolhimento.

Os cursos procuram promover o gosto pela aprendizagem do português e encorajar a participação ativa no processo de inclusão para o qual é fator decisivo o domínio da língua.

São programados tendo como principais objetivos estimular a aquisição de competências comunicativas fundamentais para um desenvolvimento gradual da capacidade de compreensão e de expressão em português, em situações do seu dia-a-dia, e facilitar a familiarização com a sociedade portuguesa nos seus múltiplos aspetos: geográfico, histórico e sociocultural, abordando hábitos, atitudes, comportamentos, convenções sociais, etc.

Nesse sentido, e desde a primeira hora, os cursos no CPR integram uma forte e diferenciadora componente sociocultural, quer em contexto de sala de aula, quer no exterior, ligando a aprendizagem da língua a experiências significativas e motivantes, participando em atividades lúdicas, culturais e artísticas que proporcionem um maior envolvimento pessoal, que promovam a socialização e a ocupação em áreas de interesse.

Aprende-se, brinca-se, interage-se, quebram-se barreiras e receios.

Em contexto de sala de aula, conhecem-se figuras relevantes do passado e do presente: nomes da cultura, da arte e da música portuguesa; o calendário, os feriados nacionais e municipais, o carácter histórico de alguns (25 de Abril na história mais recente de Portugal, 5 de Outubro, 1 de Dezembro) ou o carácter religioso de outros, como são comemorados, assim como as festividades (o Natal e o Fim do Ano, o Carnaval, a Páscoa, os Santos Populares, o S. Martinho) enfim, os costumes e práticas sociais.

Fora da sala de aula, são organizadas atividades lúdico-pedagógicas diversificadas: passeios e visitas, idas a exposições, idas ao teatro, concertos e festivais, celebrações e festas, convívios em parques e nos centros de acolhimento.

Para cada atividade, são traçados objetivos que naturalmente vão variando, ainda que alguns sejam transversais e se mantenham:

Dar a conhecer Portugal e seu património sociocultural, histórico e paisagístico;



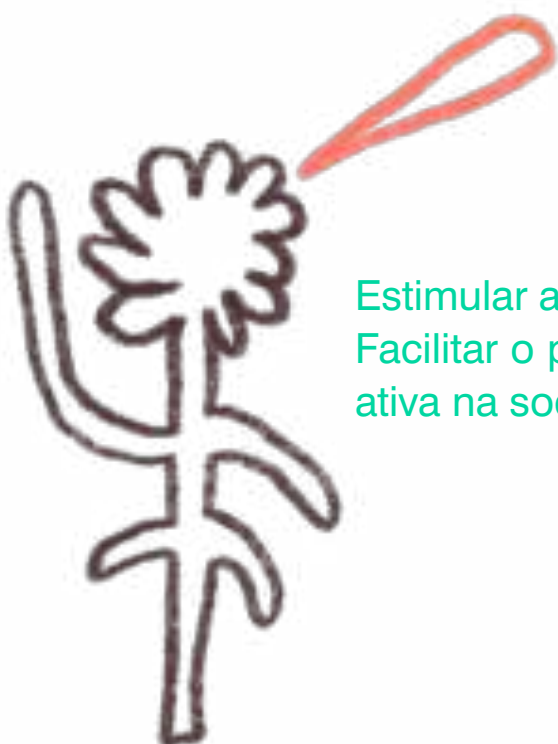
Proporcionar momentos de fruição e bem-estar;



Favorecer o relacionamento interpessoal e intercultural;



Estimular a aprendizagem da língua portuguesa;
Facilitar o processo de inclusão e a participação ativa na sociedade portuguesa.



A **metodologia** comporta três momentos para cada atividade sociocultural: a preparação em sala de aula, a sua realização e posterior avaliação.

A **preparação de uma atividade** no exterior divide-se em dois principais momentos: no primeiro momento, define-se o local, estabelecem-se contactos, quer em termos logísticos, quer no sentido de encontrar soluções adequadas às turmas a que se dirige e elabora-se o programa. No segundo momento, é elaborada uma apresentação da atividade pelo docente, mostrando imagens e facultando informações relevantes sobre os locais a visitar, o património histórico e cultural, as particularidades da natureza e socioculturais: gastronomia, artesanato, música.

Pretende-se que esta apresentação proporcione uma viagem de descoberta, estimulada pelo natural desejo de conhecer o país de acolhimento e a vontade de aprender português. São também facultadas informações úteis sobre os locais de encontro, transportes, normas a cumprir, vestuário adequado e comida a levar, visando ampliar competências, de acordo com o nível linguístico do grupo.

E eis o momento mais importante – a **realização da atividade**. Começa-se por distribuir o programa com os horários, em que pode constar também o percurso e imagens ilustrativas com uma breve informação sobre os locais a visitar.

No decurso da atividade, o acompanhamento do docente é constante, relembrando as informações prestadas, procurando esclarecer dúvidas, levantando e respondendo a questões, promovendo interações e entreajudas.

No terceiro momento, o da **avaliação**, é elaborada uma apresentação com imagens recolhidas durante a atividade pelo docente e pelos participantes, convocando memórias, vendo e comentando fotografias, revisitando os locais, descrevendo momentos, partilhando emoções e vivências entre todos, participantes e não participantes, num exercício propício à aquisição, aperfeiçoamento e consolidação de vocabulário e de variados conhecimentos socioculturais.

Além da narrativa oral e escrita, efetuadas de acordo com o domínio da língua, os participantes são convidados a preencher um formulário de avaliação, sempre que possível em português, referindo os aspetos positivos e negativos da atividade e apresentando sugestões. O conjunto de formulários de cada atividade é compilado pela gestão de formação, que elabora uma síntese para avaliação global.

Com base no acompanhamento da atividade, bem como nos testemunhos verbais e escritos dos participantes, o docente elabora um relatório da atividade com os objetivos, os aspetos que destaca da preparação, realização e avaliação da mesma, concluindo com as suas considerações.

Esta metodologia tem sido aplicada de forma sistemática, contando cada vez mais com fotografias e vídeos feitos pelos participantes, mas acautelando sempre a privacidade e confidencialidade dos requerentes e beneficiários de proteção internacional.

Perante pessoas de tantas e variadas proveniências, importa preparar, dinamizar e avaliar as atividades num ambiente de partilha de semelhanças e diferenças com os seus países de origem, no respeito pela identidade de cada pessoa.



1



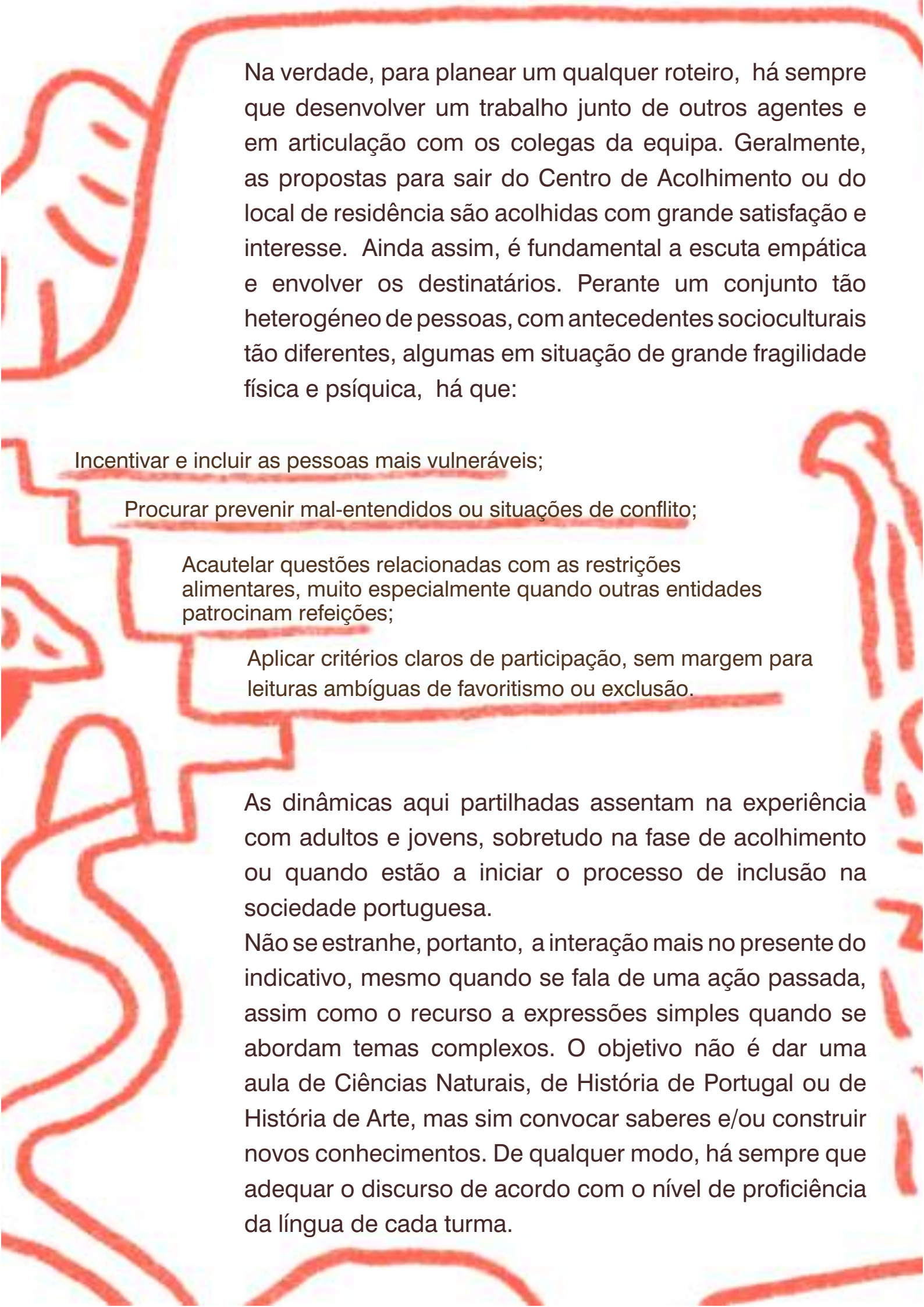
rotellos



Roteiros

Desde 1997 realizaram-se centenas de saídas e passeios no âmbito da componente sociocultural do ensino-aprendizagem da língua portuguesa envolvendo milhares de pessoas que chegam a Portugal em busca de proteção, provenientes de dezenas de países diferentes. Percorreram-se muitos milhares de quilómetros por ruas, caminhos, estradas e autoestradas, seguindo roteiros muito diversificados em Lisboa, na área metropolitana de Lisboa e em muitos outros distritos de norte a sul do país. Para isso, contribuíram generosamente várias entidades: a Câmara de Loures, a quem tantas vezes requeremos a cedência de autocarro, mas também muitas outras autarquias (Alcochete, Almada, Amadora, Cascais, Lisboa, Odivelas, Montijo, Peniche, Setúbal, Sintra, Tomar, Torres Vedras) facultaram pontualmente meio de transporte e o acompanhamento de técnicos do município, refeições e entradas em equipamentos ou em espetáculos. Acrescem ainda muitas instituições culturais e recreativas, públicas e privadas, que possibilitaram o acesso a exposições, peças de teatro, concertos e festivais.

Nos últimos anos, a componente sociocultural passou a ser considerada nos projetos como parte integrante da formação de Português Língua Estrangeira e Alfabetização, sendo muitas das atividades socioculturais financiadas pelo Fundo Europeu para os Refugiados e o Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração (FAMI).



Na verdade, para planejar um qualquer roteiro, há sempre que desenvolver um trabalho junto de outros agentes e em articulação com os colegas da equipa. Geralmente, as propostas para sair do Centro de Acolhimento ou do local de residência são acolhidas com grande satisfação e interesse. Ainda assim, é fundamental a escuta empática e envolver os destinatários. Perante um conjunto tão heterogéneo de pessoas, com antecedentes socioculturais tão diferentes, algumas em situação de grande fragilidade física e psíquica, há que:

Incentivar e incluir as pessoas mais vulneráveis;

Procurar prevenir mal-entendidos ou situações de conflito;

Acautelar questões relacionadas com as restrições alimentares, muito especialmente quando outras entidades patrocina refeições;

Aplicar critérios claros de participação, sem margem para leituras ambíguas de favoritismo ou exclusão.


As dinâmicas aqui partilhadas assentam na experiência com adultos e jovens, sobretudo na fase de acolhimento ou quando estão a iniciar o processo de inclusão na sociedade portuguesa.

Não se estranhe, portanto, a interação mais no presente do indicativo, mesmo quando se fala de uma ação passada, assim como o recurso a expressões simples quando se abordam temas complexos. O objetivo não é dar uma aula de Ciências Naturais, de História de Portugal ou de História de Arte, mas sim convocar saberes e/ou construir novos conhecimentos. De qualquer modo, há sempre que adequar o discurso de acordo com o nível de proficiência da língua de cada turma.




preparação da atividade na sala de aula


Objetivos:




Aliar a aprendizagem da língua portuguesa à vontade de conhecer, antecipando dificuldades de compreensão, revisitando e alargando vocabulário, revendo e/ou aprendendo novas estruturas linguísticas;




Facultar informações precisas e úteis a todos as pessoas, independentemente da sua participação na atividade sociocultural e da capacidade de pesquisa que cada pessoa possa ter ou vir a fazer;




Despertar interesse por variados aspetos do nosso país: a situação geográfica dos locais a visitar, as características naturais (clima, vegetação, relevo, rios, praias, parques), o património histórico e cultural (conventos, igrejas, memoriais, monumentos, aquedutos, museus, etc.), do património edificado (centros culturais, centros interpretativos, pontes), particularidades socioculturais (produtos regionais, gastronomia, artesanato, música, festividades), fábricas e espaços de criação e de laboração;




Promover o envolvimento pessoal na atividade, no cumprimento dos horários e procedimentos a observar;




Proporcionar momentos de lazer e bem-estar que aliviem sensações de tensão e de frustração muito comuns no processo de acolhimento e integração dos refugiados;



Alargar horizontes geográficos, convocando saberes e/ou descobrindo o território de Portugal;



Despertar curiosidade por atividades, dinâmicas de grupo e ateliês/oficinas a desenvolver nesses locais;



Proporcionar lugares, momentos e dinâmicas que favoreçam o diálogo e a empatia entre pessoas de diferentes culturas, mostrando que a diversidade de modos de vida não constitui entrave a vivermos juntos.

Uns dias antes...

Apresentação breve do programa da atividade para inscrição, numa curta apresentação, mostrando imagens na internet ou escrevendo no quadro informações essenciais:



Competências comunicativas a abordar, rever ou aperfeiçoar:

DATAS/DIAS DA SEMANA

NÚMEROS CARDINAIS

HORAS

LOCAIS

ALIMENTOS/REFEIÇÕES

TRANSPORTES

ESTRUTURAS GRAMATICAIS DECORRENTES

exemplo:

eu vou /eu não vou;

eu quero ir/eu não quero ir/eu posso ir/eu não posso ir;

estou a trabalhar/tenho marcação/consulta...

Na aula anterior à atividade...

1.2.2

Facultar informação mais detalhada, recorrendo a dispositivos e/ou vídeos, num ambiente comunicativo de interação com os alunos, utilizando os conteúdos temáticos já aprendidos ou a aprender.

QUANDO? Dia da semana, hoje, amanhã, depois de amanhã

ONDE ESTAMOS?

Situação no mapa, compreensão da localização do ponto de partida em relação ao local a visitar.

ONDE NOS ENCONTRAMOS?

Definir o ponto de encontro.

A QUE HORAS?

Informação precisa da hora de encontro e de partida.

COMO VAMOS?

De autocarro, de comboio, de metro, de barco, a pé.

PARA ONDE VAMOS?

Mostrar o percurso e a distância. Assinalar no mapa onde se situa.

O QUE VAMOS VISITAR?

Região - Cidade - Monumento -
- Museu - Teatro - Fábrica

COMO SE CHAMA A...?

POR ONDE PASSAMOS?

Dar a conhecer nomes portugueses de localidades, zonas da cidade, pontes que atravessamos.

PORQUE VISITAMOS ESTE LUGAR?

Informação mais relevante sobre o interesse do local ou locais que vamos conhecer.

Informação sobre a necessidade de preparar e levar comida.

HÁ COMIDA?

ONDE COMEMOS?

no parque de merendas, no jardim, no refeitório, no restaurante

A QUE HORAS VOLTAMOS?

NÃO SE ESQUEÇAM DE LEVAR:



Programa

- 09:00 Partida de Bobadela
- 09:30 Passagem por Sete-Rios
- 10:30 Chegada a Cascais
 - + Casa das Histórias de Paula Rego
 - + Centro Cultural de Cascais
 - + Parque Municipal Camões
 - + Museu Cordes de Castro de Guimarães
 - + Paço de Santa Maria
 - + Casa de Santa Maria
- 15:30 Praia do Guincho
- 17:30 Retorno a Bobadela
- 18:30 ...



SANTA APOLÓNIA



11:00



Cante alentejano

Classificado património imaterial da humanidade pela UNESCO em 2014



SOBREIRO E CORTIÇA



rolha

cortiça



bolota



Competências linguísticas a abordar, rever ou aperfeiçoar decorrentes da preparação:



Ouvir, ler, compreender a narrativa oral ou escrita, aperfeiçoando a pronúncia, articulando e repetindo os nomes de localidades;



Ouvir histórias, lendas e curiosidades relacionadas com a região ou cidade e os locais a visitar;



Ler e/ou aprender os números cardinais, romanos e ordinais;



Ouvir e compreender nomes de produtos típicos e da gastronomia portuguesa (vinho, pão, broa, pastel de nata, torta de azeitão, queijo da serra, bacalhau, enchidos, etc.), do artesanato (cerâmica, barro, vidro, cortiça, mobiliário, lã, tecidos, etc.);



Compreender os pontos cardeais e outras referências geográficas;



Ouvir e compreender nomes da fauna e da flora portuguesas;



Compreender a divisão administrativa do país (distrito, concelho e freguesia);



Descodificar a história, dando a conhecer nomes e factos relevantes da História de Portugal;



Conhecer e ouvir música portuguesa de acordo com o local a visitar (fado, fado de Coimbra, cante alentejano, canções populares); nome dos instrumentos musicais e de artistas;



Compreender designações do património cultural (mosteiro, convento, palácio, aqueduto, forte, fortaleza, estátua, memorial, azulejo, instalação);



Ouvir e compreender nomes de refeições (lanche, almoço, merenda) e de alimentos (pão, sandes de queijo, de fiambre, fruta (maçã, pera, banana, laranja), bebidas (água, sumo), embalagens (pacote, garrafa);



Abordar a relação do tempo (século, ano) e o estilo arquitetónico;



Conhecer nomes relacionados com a cultura e a arte (escrita, desenho, pintura, escultura, música, dança, teatro, cinema);

Ouvir e compreender nomes de peças de vestuário, calçado e acessórios a levar de acordo com o destino e ações a realizar).

1.3

no dia da atividade

Para começar...



Desde o primeiro momento, importa criar um ambiente seguro e descontraído, capaz de vencer “fronteiras”.

Eis algumas estratégias:



INFORMAÇÃO SOBRE O QUE PODEMOS FAZER NO AUTOCARRO:
observar, comentar, fazer perguntas, conversar, conhecer-se, ouvir música, fotografar, filmar, dormir...

E O QUE NÃO PODEMOS FAZER:

comer, desapertar o cinto, levantar-se...

(comportamentos que podem ser comuns nos países de proveniência ou de trânsito)



Encontrar momentos e lugares para dinamizar **jogos de apresentação***:

Nome - nacionalidade - profissão - gostos
(*Chamo-me Isabel - sou portuguesa - sou professora - gosto de ler*)

Expressão do nome atirando a bola, seguindo-se a expressão do nome de outro participante quando atira a bola.

**Várias sugestões no Caderno de Práticas Teatrais para a Aprendizagem da Língua (2020) disponível em www.cpr.pt*



1.3.1

Promover o interesse e o gosto por saber como se diz em Português

*Circulação

RUA,
PRAÇA,
PASSEIO,
PASSADEIRA,
SEMÁFORO,
ESTRADA,
AUTOESTRADA,
PORTAGEM,
ROTUNDA,
PONTE.

*Meios de transporte

AUTOCARRO,
ELÉTRICO,
METRO,
CARRO,
MOTA,
CAMIÃO,
TÁXI,
BICICLETA,
TROTINETE,
TUK-TUK,
AVIÃO,
BARCO,
CACILHEIRO.

*Estabelecimentos comerciais

MERCADO,
TALHO,
PEIXARIA,
FRUTARIA,
FLORISTA,
PADARIA,
SUPERMERCADO,
RESTAURANTE,
PASTELARIA,
CABELEIREIRO,
CENTRO COMERCIAL,
OFICINA.

*Espaços verdes urbanos

PARQUE,
JARDIM,
FLOR,
PLANTA,
RELVA,
BANCO DE JARDIM,
LAGO,
ESCULTURA,
PARQUE INFANTIL,
BALOIÇO,
ESCORREGA,
CARROSSEL.

*Árvores

OLIVEIRA,
PINHEIRO,
EUCALIPTO,
SOBREIRO,
LIMOEIRO,
LARANJEIRA,
MACIEIRA,
PEREIRA.

*Território

PRAIA,
MONTANHA,
CIDADE,
VILA,
ALDEIA,
CAMPO.

*Profissões

QUEM ALI TRABALHA?

*Estabelecimentos e serviços públicos

ESCOLA,
CRECHE,
UNIVERSIDADE,
CENTRO DE EMPREGO,
HOSPITAL,
CENTRO DE SAÚDE,
CORREIOS,
FINANÇAS,
POLÍCIA,
TEATRO,
CENTRO CULTURAL,
ASSOCIAÇÃO.

*Equipamentos de desporto

ESTÁDIO
PAVILHÃO
GINÁSIO

*Ambiente

LIXO,
CAIXOTE DO LIXO,
CONTENTOR,
RECICLAGEM,
EMBALAGEM,
PAPEL,
VIDRO,
PLÁSTICO,
METAL,
POLUIÇÃO.

*Património e equipamentos culturais

MUSEU,
CONVENTO,
IGREJA,
MOINHO.

*Legumes e fruta

BATATA,
TOMATE,
CEBOLA,
CENOURA,
ABÓBORA,
FEIJÃO-VERDE,
BATATA-DOCE,
LARANJA,
CLEMENTINA,
MAÇÃ,
PERA,
UVAS,
MELÃO,
MELANCIA,
MORANGOS.

*Habitação

PRÉDIO,
APARTAMENTO,
VIVENDA,
MORADIA,
QUINTA,
QUINTAL,
HORTA.

*Plantações

VINHA,
OLIVAL,
SEARA,
POMAR.

*Animais de companhia, do campo e outros

CÃO,
GATO,
PATO,
OVELHA,
CAVALO,
VACA,
PORCO,
GAIVOTA,
POMBA,
PAVÃO.

*Visitas orientadas

Abertura para ouvir e compreender outras vozes, mais informadas e especializadas sobre os conteúdos e os locais visitados.

conhecer-se.

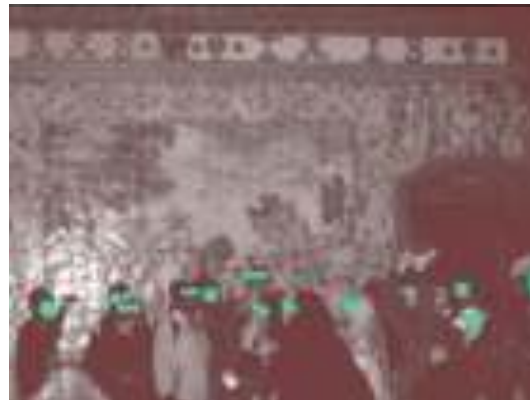


Conversar em grupo.

REGISTAR
A ALEGRIA
DO MOMENTO.



EXPERIMENTAR
COMO FAZER
UM AZULEJO.



OUVIR AS
HISTÓRIAS
QUE OS
AZULEJOS
CONTAM.



Sentir a água do mar
e a areia, talvez pela
primeira vez.



1.3.2

Ativar os sentidos.
Desfrutar.



BRINCAR.

Sentir a neve com saudade ou
pela primeira vez. As montanhas.



A oragem fresca. Respirar fundo.

ENCONTRAR
MOMENTOS
ÚNICOS DE
PARTILHA.





Emocionar-se
ao visitar a
Assembleia da
República ou
o Palácio da
Presidência,

espaços interditos nalguns
países de origem.



Conhecer Lisboa.
Mesmo perto, pode
permanecer longe...

PROVAR UM FRUTO DESCONHECIDO, SABOREAR UM DOCE.





PROVAR UMA BEBIDA, PEDIR UM CAFEZINHO.

OUVIR E OIVERTIR-SE
AO SOM DA MÚSICA
PORTUGUESA.



Contemplar uma
paisagem incomum.

Partilhar emoções com quem não está.





EVOCAR MEMÓRIAS
DA INFÂNCIA.
JOGAR.
ESPAIAR-SE.

IDENTIFICAR-SE OU NÃO COM OS ESPAÇOS.





Que mensagem transmitia se tiver a possibilidade de sair do lugar de espectador?

VIVENCIAR UM PASSADO DISTANTE.



Foi uma experiência muito gratificante da qual guardo muitas recordações e me lembro muitas vezes. Esta foi a terceira visita que fiz para o CPR. A primeira foi em 2009, a segunda em 2019 e a última em agosto de 2022. Foi com enorme prazer e satisfação que fiz estas 3 visitas.

É muito bom poder proporcionar a pessoas e famílias com crianças, alegria e por momentos esquecerem as agruras que a vida lhes trouxe. Fazer o bem a quem já sofreu tanto ao terem que deixar tudo para trás e chegam a um país, onde se fala outro idioma, com uma cultura e clima diferente, à procura de uma vida melhor.

É gratificante ajudar quem mais precisa, ser simpática, delicada e prestável. É bom proporcionar experiências e momentos únicos, até de aprendizagem do português, língua que ainda dominavam pouco, e ao mesmo tempo mostrar os locais mais emblemáticos e turísticos do concelho de Oeiras.

Estas visitas são uma mais valia em termos de integração e inclusão destas pessoas que escolheram o nosso país para encontrarem o seu caminho.

Foi uma ótima experiência e estou à espera da próxima.

ALEXANDRA SILVA

Técnica da Câmara Municipal de Oeiras

1.4

pós - atividade



Relembrar, partilhar.

1.4.1

Perante variadas imagens recolhidas durante a atividade sociocultural, todos os alunos, participantes e não participantes, são convidados a comentar e a interagir, de forma espontânea ou mais orientada, sobre as fotografias ou vídeos apresentados, falando das pessoas e dos locais visitados, narrando momentos, descrevendo ações, partilhando vivências e emoções.

Estas estratégias podem ser dinamizadas desde a iniciação absoluta, valendo-se o docente de estruturas linguísticas simples já abordadas ou de apreensão intuitiva para promover a comunicação, ajustando o discurso ao nível de proficiência da turma.

QUEM É?

QUEM ESTÁ
AO LADO?

ESTÁ A
SORRIR?

ESTÁ
SENTADO?



QUEM TEM ÓCULOS
DE SOL?

QUEM TEM
BONÉ?

DE QUE CORÉ
A CAMISOLA
DELA?

ONDE ESTAMOS?

QUAL É A
PROFISSÃO
DELA?



O QUE VEMOS?





O QUE É QUE
ELA ESTÁ A
FAZER?



O QUE É QUE
ELES ESTÃO
A FAZER?



O QUE É?

O QUE VEMOS?



O QUE É?

PARA QUE SERVE
A ENXADA?



No dia 12 de agosto de 2021, nós ^{Ter} temos
um passeio.

Às 9:30 (nove e meia) nós ^{entrar} entramos e ^{assinar} assinamos
a lista e ^{sentar-se} sentamo-nos
no autocarro.

Primeiro nós ^{Parar} paramos na Aldeia do
Sobreiro.

Depois nós ^{visitar} visitamos o Palácio de Ma
e ^{almoçar} almoçamos no jardim.

O jardim é bonito (lindo). ^{ir} Eu vou
tu vais
Nós vamos
Depois ^{ir} vamos para a Ericeira. ^{Eu vou}
^{tu vais}
^{Nós vamos}

1.4.2

Avaliar



No final solicita-se o preenchimento de um formulário de avaliação escrita, anónimo, que pretende registar aspetos positivos e negativos, a opinião de cada um sobre a forma como a atividade foi organizada e sugestões para atividades futuras. Este formulário é preferencialmente escrito em português, mesmo numa fase inicial da aprendizagem da língua, procurando integrar e aperfeiçoar estruturas comunicativas básicas. Em relação aos participantes em fase de alfabetização ou que ainda não dominem o alfabeto latino, o docente pode sempre transcrever a sua avaliação.

Ainda que este registo fique aquém da partilha coletiva na sala de aula, permite efetuar uma síntese geral das avaliações sobre essa atividade e visitar esses testemunhos.

É ainda muito interessante e positivo construir uma narrativa conjunta sobre a atividade procurando estimular e desenvolver competências de produção, com base nos factos, nas imagens e na memória do grupo. Este exercício personalizado no NÓS, pode servir de base para construir uma narrativa individual, expressa no EU, e contá-la. Para quem não participou na atividade, pode sempre adaptar o texto, contando o que é que ELES fizeram.

DATA	7 de julho de 2019
LOCAL	Passagem em Lisboa / Grupos Affamir
Objeto de	MUSICA
ASPECTOS POSITIVOS	decoreção nas ruas casas antigas ruas estreitas escas das manjedico - fadas fotografar dançar surdinha sorridente autocarro - simpáticos

DATA	16 de julho de 2019
LOCAL	MUSEU CALISTO GIL PARRAM
ASPECTOS POSITIVOS	Impulsão ver interesse do português na segunda visita em português + um pouco de concerto é bom. na última com um novo uma orquestra antiga é linda. Gosto muito

LOCAL	Sector da Estrela
ASPECTOS POSITIVOS	visita foi bem e gostei porque conheci muitas pessoas na viagem e conversamos a todo momento no almoço e depois muito a partir e falar em língua portuguesa.



ASPECTOS NEGATIVOS	foi a minha amiga com quem se ficou tempo das atividades
ASPECTOS NEGATIVOS	foi o mesmo tempo foi o mesmo tempo foi o mesmo tempo
ASPECTOS NEGATIVOS	ORGANIZAÇÃO

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE

21 de setembro
Jardins do Palácio de Santarém e
Aeroporto

ASPECTOS POSITIVOS	Gosto de todo passeio de começo até ao fim. Minhas filhas gostam de viajar de comboio, elas ficam perto de janela de comboio as paisagens diferentes e riam e alegram-se. No parque e no jardim também foi bem e linda. Mas mais todo gosto aguentado e chafariz.
ASPECTOS NEGATIVOS	Não aspetos negativos.
ORGANIZAÇÃO	Organização foi muito boa!
SUGESTÕES	Mais pessoas que não sejam portugueses. Devo falar em português com todos!

ASPECTOS NEGATIVOS	Não demoramos, quer depois que não ficamos até que o final se acabou
--------------------	--

 Foi muito bom!!! ☀️

SUGESTÕES	Eu quero ver Lagos - montanha
-----------	-------------------------------

SUGESTÕES	e bem para a stress fazer passeio.
-----------	---------------------------------------

Alemosamos ~~de~~ se numa cidade pequena
perto da Serra da Estrela.
Depois do almoço tivemos mais uma
visita ao museu do pão em Seia.
Esta visita tambem foi muito
interessante. Gostei muito do pão
de milho "à lisa".

Passeio à Serra da Estrela.

No primeiro dia da Primavera nós tivemos um passeio
à Serra da Estrela. É claro que fomos lá para ver a
neve. Já tinhamos tantas saudades da neve que até
na Brincadeira distamos aos nossos amigos da Hibernação
enviando um pouco de neve.

Muito mais foi interessante comparar as
montanhas de Portugal com as montanhas
de Uzbequistão. ~~Elas~~ são muito diferentes.
Em Portugal elas são mais baixas e lisas,
em Uzbequistão elas têm mais rochas agudas.
Nunca sabia que podiam existir montanhas
tão lisas!

Para além de roteiros, a componente sociocultural dos cursos de PLE integra um conjunto muito diversificado de atividades, planeadas e organizadas dentro e fora da sala de aula, sugeridas pelo calendário (feriados, festividades), datas comemorativas e celebrações (Dia Mundial do Refugiado, aniversário do CPR, Festa de Fim do Ano) ou, ainda, indicadas por eventos pontuais, outras organizações ou pessoas da sociedade civil.

Importa partilhar as diferenças culturais relacionadas com os calendários, pois quem chega transporta datas e memórias que nem sempre assentam no nosso calendário. Tanto mais que todos beneficiam desse conhecimento. Não raro se assiste a hesitações na expressão da data de nascimento, em pessoas provenientes do Irão e do Afeganistão e à surpresa dos colegas, vindos de outras partes do mundo, que até aí desconheciam a existência do calendário persa. Por outro lado, para quem está a iniciar o processo de integração, é fundamental compreender como se organiza a sociedade portuguesa, os espaços que habitam, os serviços públicos (hospitais, centros de saúde, finanças, etc.), as escolas, o comércio, saber quais são os dias úteis, os dias de descanso, os feriados, o que são tolerâncias de ponto ou pontes, enfim toda uma dinâmica social com a qual se deve ir familiarizando para melhor perspetivar a sua vida familiar, profissional e social.

Nesse sentido, são concebidos materiais didáticos com imagens sugestivas para apresentar na sala de aula, que possam servir de base a um diálogo intercultural, em que se compartilham semelhanças e diferenças, e que facilitem a compreensão de alguns feriados nacionais e municipais, festividades e datas comemorativas, abordando factos da História de Portugal ou eventos de carácter religioso que os motivam, bem como as tradições, costumes e práticas sociais que lhes estão associados.

Além desta abordagem em sala de aula, e de acordo com o plano de formação e os cronogramas, procura-se realizar atividades complementares: encontros, festas, passeios ou visitas que favoreçam a compreensão, alarguem horizontes, proporcionem a interação com a sociedade portuguesa.

Eis alguns exemplos:

2.1



Feriados

Sendo a liberdade um valor particularmente sentido por quem foi obrigado a abandonar o seu país, muitas são as ações desenvolvidas por esta ocasião nos espaços de acolhimento:

25 de Abril

A projeção do Filme “Capitães de Abril”, de Maria de Medeiros; a leitura coletiva do livro “O Tesouro”, de Manuel António Pina; a leitura de poemas de Carlos Oliveira, Chico Buarque, José Afonso, Manuel Alegre, Sophia de Mello Breyner Andresen.

São ainda realizados passeios em Lisboa, visitando locais emblemáticos da revolução dos cravos ou espaços relacionados com a temática da liberdade (Largo do Carmo, Quartel da GNR, Museu do Aljube).

5 de Outubro

Para além de se explicar o porquê de ser feriado, apresentando imagens ilustrativas e informação histórica e sociocultural sobre a queda da Monarquia e a implantação da República, simbologia, o hino e a bandeira de Portugal, os atuais órgãos de soberania nacional, este período pode propiciar a realização de ações que aproximem as pessoas migrantes de locais emblemáticos da vida política portuguesa, como a Assembleia da República, o Museu e Palácio da Presidência ou ainda que adicionem informação pertinente, como exposições temporárias ou permanentes, que favoreçam as relações interculturais e o desenvolvimento de competências para uma cultura de democracia.

Manuel Alves



As mãos

Com todas as luz e todas as luz e todas as luz
E por todas as luz e todas as luz e todas as luz
Com todas as luz e todas as luz e todas as luz
Com todas as luz e todas as luz e todas as luz
Com todas as luz e todas as luz e todas as luz
Com todas as luz e todas as luz e todas as luz
Com todas as luz e todas as luz e todas as luz
Com todas as luz e todas as luz e todas as luz



Carina de Oliveira



NÃO VÁ MACHADO QUE CORTE
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte

Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte
Mão há machado que corte

Chico Breyner

OLHADOS A VUJA MORENA
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena

Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena

Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena

Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena
Olhados a vija morena



Manuel Alegre

23 DE ABRIL

23 DE ABRIL
23 DE ABRIL
23 DE ABRIL
23 DE ABRIL
23 DE ABRIL
23 DE ABRIL
23 DE ABRIL
23 DE ABRIL



CHICO BREYNER

CHICO BREYNER
CHICO BREYNER
CHICO BREYNER
CHICO BREYNER
CHICO BREYNER
CHICO BREYNER
CHICO BREYNER
CHICO BREYNER

A PROJEÇÃO DO FILME "CAPITÃES DE ABRIL", DE MARIA DE MEDEIROS; A LEITURA COLETIVA DO LIVRO "O TESOURO", DE MANUEL ANTÔNIO PINA; A LEITURA DE POEMAS DE CARLOS OLIVEIRA, CHICO BUARQUE, JOSÉ AFONSO, MANUEL ALEGRE, SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN.

2.2



Festividades

Carnaval

Sendo uma tradição popular muito antiga, que se festeja nas ruas de muitas cidades portuguesas, envolvendo a comunidade e as escolas, pode ser encarada com estranheza e relutância por pessoas provenientes de contextos socioculturais diferentes.

Apresentando imagens e informações sobre como se festeja o Carnaval no mundo e em Portugal, procura-se descodificar hábitos e costumes: a inversão de papéis, os trajes carnavalescos, máscaras e enfeites, curiosidades e brincadeiras. Além disso, partilham-se momentos de fantasia e alegria com os pequeninos do Espaço “A Criança” do CPR, dá-se espaço à imaginação e criatividade confeccionando máscaras, organizam-se passeios, em Loures e Torres Vedras, onde se compartilha a diversão e folia vivida nas ruas.

Santos Populares

Junho é um mês especial. Para além do feriado nacional do 10 de junho, muitas cidades do país festejam neste mês os seus feriados municipais associados a um dos Santos Populares. Em Lisboa, as Festas de Lisboa prolongam-se por todo o mês, enchendo de animação as ruas e recantos da cidade.

Assim, importa compreender as datas festivas, as tradições e costumes, mostrando imagens, lendo uma quadra popular, cheirando o manjerico, dançando e cantando uma marcha popular, provando sardinha assada ou caldo verde.

Porém, é num passeio pelas ruas estreitas e movimentadas dos bairros antigos de Lisboa que as informações prestadas na sala de aula se revelam verdadeiramente - os arraiais, a música, a comida típica.

A minha filha Dija gosta de muito Carnaval, mas ela não gosta de usar máscaras. Os meus pais não festejam no Carnaval porque eles têm diferente cultura. Mas eu ~~estive~~ penso que o Carnaval da minha filha para as crianças Dija com vontade de carnaval gosta de brincar com os seus amigos. No dia do Carnaval ela vai vestir roupa de bruxa de neve. Dia 1 de Fevereiro eles vão para a ~~parada~~ ^{parada} festejar o Carnaval.

No dia cinco de Fevereiro é a festa do Carnaval. Todas as pessoas saem ^{para} ~~para~~ rua com máscaras e roupas diferentes. Andam com muita alegria e brincam com ~~uns~~ ^{umas} outras. Mas no meu país não se festejam o Carnaval, temos outras festas como, por exemplo, "Dia da Primavera" e ~~mais~~ ^{mas} ou menos como o Carnaval.

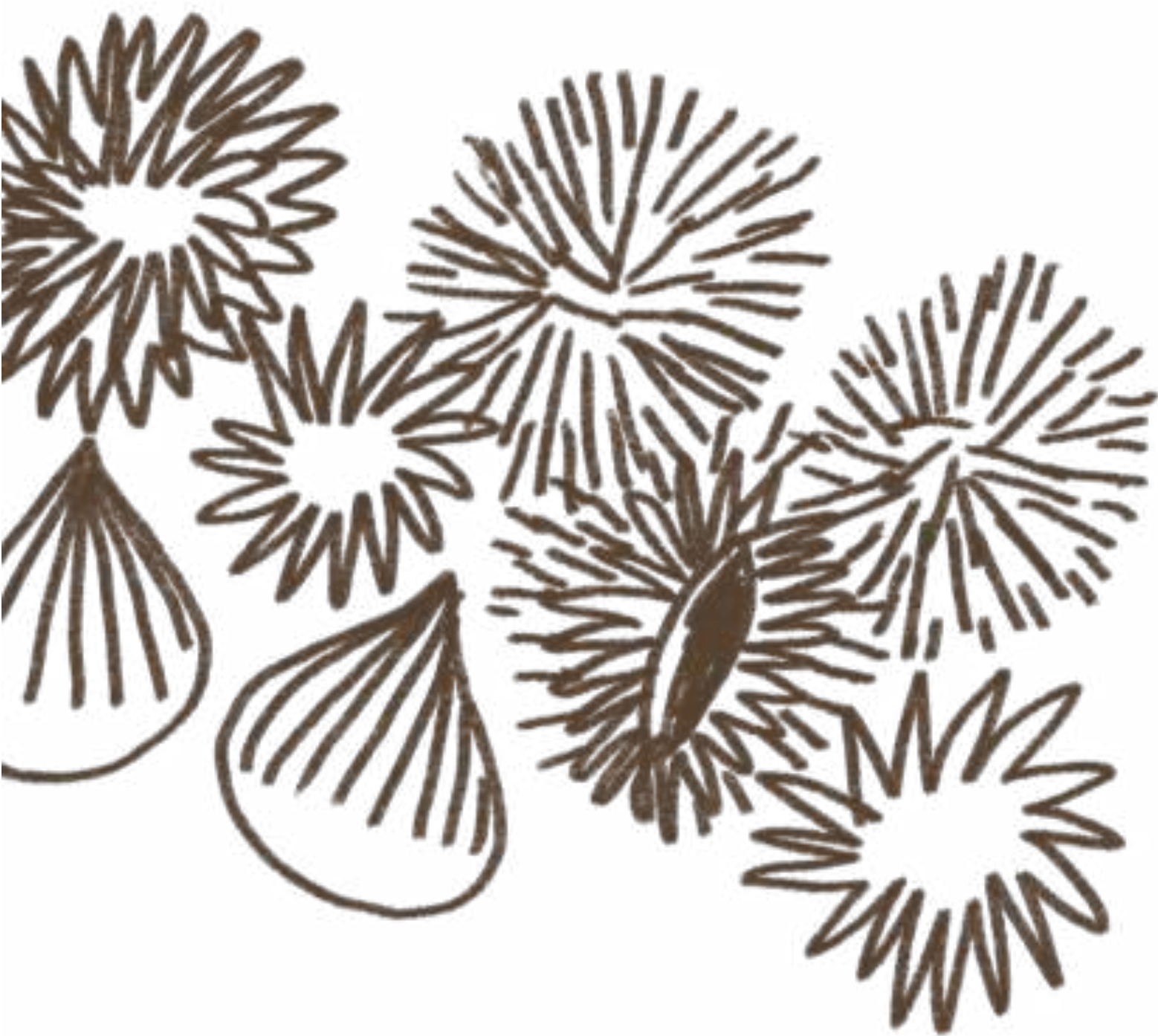
SANTOS POPULARES



CARNAVAL DE TORRES VEDRAS, 2000.



Junho é o mês dos Santos em Portugal e é considerado o mês dos arrozeiros, sardinhas e muitas cervejas nas festas das ruas. Mas, para mim, como refugiada, junho é o mês do Manjerico. Não consigo esquecer o meu primeiro contacto com o mês dos Santos no primeiro ano da minha residência em Portugal. Há seis anos, na minha aula de Português com a Professora Isabel, ela tinha um vaso de uma planta na sua mesa à explicar as tradições dos Santos. Estava a tentar ouvi-la para conhecer melhor o meu novo país. Mas tudo parecia estranho e intangível. Até ao momento em que ela pegou na planta e apresentou-a para nós como "manjerico"! Colocou a mão esquerda por cima das pequenas folhas verdes de manjerico e depois aproximou-a do nariz e cheirou. Logo disse: "Cheira bem!" Depois voltou para mim a perguntar: "Nahid, quer cheirar?" Eu, insegura, inclinei-me na direcção da planta e tentei cheirar directamente com o nariz, quando a professora me disse que eu deveria tocar nas folhas com a mão e depois sentir o cheiro da palma da mão. Segui as instruções dela e assim que tive a palma da mão na frente do nariz senti uma ligação muito forte com Junho, Santos e Manjerico. Arrozeiros e Santos não eram mais assuntos intangíveis para mim graças ao cheiro nostálgico do manjerico. Manjerico era o elo entre a minha terra materna e a minha terra actual! Estava meio perdida na minha mente pensando da minha terra natal quando a professora pôs a canção "Cheira bem, Cheira a Lisboa", de Amália, e eu novamente me senti perdida na beleza da minha terra actual, Portugal, e senti-me entusiasmada o suficiente para ir às ruas de Lisboa a fim de saber mais de Santos, Sardinhas e Cervejas. Ainda hoje, depois destes anos a festejar os Santos, fico animada ao ver o vaso do manjerico nos supermercados e corro para eles, e ponho a palma da minha mão por cima das suas cabeças verdes e cheiro, enquanto penso num grande número dos portugueses que tornaram a minha vida mais agradável na minha segunda terra.



Dia de São Martinho

Em muitos países de origem, os ciclos da natureza são diferentes, sendo importante dar a conhecer o outono e os frutos da época, especialmente as castanhas. Neste dia, interpreta-se a mensagem da Lenda de S. Martinho, proporciona-se uma tarde diferente, num magusto, provam-se castanhas quentinhas e canta-se o “Homem das Castanhas”.



2.3



Natal e Fim de Ano

Com a aproximação do fim de ano, e a celebração religiosa ou cultural do Natal em Portugal, surgem as decorações e iluminações na cidade, o apelo do comércio com a publicidade e exposição de artigos e de produtos alimentares específicos da época natalícia, enfim aparece todo um conjunto de manifestações socioculturais, nem sempre compreensíveis para quem chega de outras paragens, com hábitos muito diferentes.

Por outro lado, quem chega encontra-se frequentemente numa situação de maior fragilidade e tanto o fim do ano, como o início de um novo ano podem espoletar ou acentuar sentimentos de solidão, ansiedade e tristeza causados pela distância, pela ausência, pela perda.

Com base nessas premissas, para comemorar a mudança do ano convocando sentimentos positivos e de esperança, nas aulas de português incentivam-se os requerentes e refugiados a mostrar saberes e talentos, a dar a conhecer a sua cultura, a intervir através do teatro, da música, da dança, da poesia, da gastronomia. Partilham-se autores, canções, textos, costumes, simbolismos, curiosidades, e individualmente ou em grupo decide-se o que se quer apresentar. Prossegue-se, lendo, interpretando, praticando a língua, ensaiando até ao dia de apresentação na Festa de Fim do Ano. Neste convívio multicultural, trabalhadores e familiares, voluntários e amigos, requerentes e refugiados confraternizam, conhecem-se num ambiente festivo, bem diferente do contacto habitual, em contexto profissional. E a este espetáculo, junta-se a alegria da distribuição dos presentes às crianças e o convívio à volta da mesa, partilhando sabores e receitas de muitos lugares do mundo.

FESTAS DE FIM DE ANO



2.4



Convívios

2.4.1



Criar momentos de convívio multicultural, em diferentes espaços, com dinâmicas de apresentação, de diálogo, com jogos e exercícios em que todos possam participar, revelam-se sempre muito positivos e facilitadores da vida em comunidade, proporcionando o diálogo, aliviando tensões, atenuando sentimentos negativos.

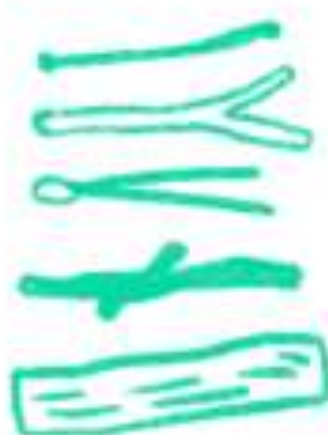
Os **encontros em jardins ou parques** permitem desenvolver essas atividades ao ar livre e, pela sua envolvimento e tranquilidade, os espaços verdes proporcionam uma sensação de bem-estar, uma disponibilidade para fruir do que está à sua volta, para experimentar, conhecer, participar, partilhar.

 Caminhar  

  OBSERVAR ÁRVORES
E FRUTOS, PLANTAS
E FLORES,  AVES,

     ANIMAIS 

     
Criar "instalações"
com o que está no chão,
folhas, paus,



galhos.

RESOLVER

SOPA DE LETRAS

OU

P	A	L	A	V	R	A	S
C	R	U	Z	A	D	A	S

EM GRUPO



CONHECER O POETA OU A POETISA QUE
DÁ O NOME AO PARQUE



2.4.2



O **Dia Mundial do Refugiado**, 20 de junho, é, compreensivelmente, tanto para a Organização como para as pessoas que acolhe, uma data particularmente significativa. Curiosamente, há pessoas agora refugiadas que anteriormente não assinalavam nem conheciam esta data.

VOZ DE UM REFUGIADO IRANIANO

Agora vou falar como é a vida dos refugiados e como eu celebri pela primeira vez o Dia Mundial do Refugiado. Mas queria dizer que eu nunca pensei que um dia seria um refugiado, mas aconteceu. É a vida! Às vezes, sinto-me envergonhado e pouco à vontade. Agora estou em Portugal e pedi asilo. Quando eu ouvi que temos um dia para os refugiados, eu senti duas coisas: UMA, fiquei nervoso porque é a minha primeira vez e pensei: "Como é que nós celebramos?" SEGUNDA, senti-me feliz porque eu pensei que todo o mundo vai olhar para nós.

Geralmente, no âmbito do Dia Mundial do Refugiado, e com base nas ideias-chave lançadas pelo ACNUR, acontece todo um conjunto de ações: visitas aos Centros, entrevistas, publicações, eventos comemorativos que naturalmente são abordados nos cursos de português, antes e após a sua realização, para uma melhor compreensão e debate sobre esses programas, numa partilha conjunta sempre profícua, pelo envolvimento emocional e pelas competências linguísticas e socioculturais que esta comemoração propicia.

Além das datas festivas, há a mencionar outros dias especiais, proporcionados pela conjugação de vontades e apoios, muito especialmente na área cultural. Assim, organizam-se visitas e idas ao teatro, no Dia Mundial do Teatro e em muitos outros dias do ano, facultando experiências únicas, marcadas não só pela relevância dos espaços e fruição dos espectáculos teatrais, mas também pela interação com mediadores, artistas e espectadores.

A fruição e participação na vida cultural nem sempre está ao alcance de quem chega, podendo até ser um tanto desvalorizada pelos próprios, pelos técnicos e pela comunidade por razões que se prendem com a definição de prioridades, focadas nas questões que envolvem a procura de quarto ou casa, a procura de emprego, a integração no sistema educativo, os problemas de saúde.

Mas os desafios da integração e da vida conjunta não são só económicos e sociais são também culturais. Por isso, a promoção de atividades artísticas nos espaços de acolhimento revela-se sempre muito positiva, por contribuírem para a socialização e o bem-estar de quem ali habita e trabalha. É com esse objetivo que o CPR implementa vários projetos envolvendo o teatro, a pintura, a fotografia, o vídeo e a música.

A música está quase sempre presente em tudo o que o CPR organiza por ser uma linguagem privilegiada de comunicação entre diferentes culturas. Importa, pois, realçar a ação promotora e generosa de músicos portugueses e de outras nacionalidades que, por iniciativa própria, trazem a música aos Centros, acrescentando mais vida aos espaços e criando momentos particularmente especiais.

Quando eu vivia no meu país não sabia nada sobre refugiados. Eu vivia sobre alguns países que fugiram dos seus países. Quando eu conheci o meu país também há havia dia mundial de refugiados mas quando que eu vivia em Portugal e eu conheci mais coisas este dia e estar contente que muitas pessoas possam sobre refugiados

Dia Mundial do Refugiado

Lembro-me bem da gentil disponibilidade e do entusiasmo dos meus colegas da Gulbenkian que aceitaram a minha proposta de irmos tocar ao CPR, em 2015, no contexto de uma “festa” para e dos refugiados. Para além da curiosidade, sabíamos que não era “mais um concerto”, com o nosso repertório clássico, para um público 'clássico'.

Fomos muito bem recebidos pela equipa do CPR e sentimos que a curiosidade era recíproca. Um auditório cheio de pessoas (com algumas delas tive a oportunidade de trocar sorrisos e breves palavras de gratidão) e o silêncio era de uma atenção comovente. Cada andamento contou, cada pausa entre andamentos, cada gesto musical, cada melodia tocada como se fosse a última vez, os aplausos entusiastas. Lembro-me da emoção, comoção, de todos. Dos meus colegas, do público, das pessoas do CPR. Do ambiente informal e de partilha genuína. A música como mediadora e apaziguadora. Os sorrisos, os olhos regados, os abraços. A amável generosidade de quem cuida e tece, todos os dias, no CPR.

RAQUEL REIS
Violoncelista

3



teatro

3.1



RefugiActo

Como surgiu o

RefugiActo

e o que fez?

Tudo começou na sala de aula, um espaço de comunicação e partilha de vivências, e nas atividades socioculturais que lhe estão associadas, em que se revelam especificidades e identidades culturais através da literatura, música, dança, gastronomia, entre outras.



CONHECER-SE E CONHECER O OUTRO

Estamos em meados de 2004 e, já a pensar na Festa de Fim de Ano do CPR que se irá realizar em dezembro, lanço o desafio de inovar e incluir nesse evento, além da poesia, da música e da dança dos diferentes países, a apresentação de uma peça de teatro criada por todos, baseada nos relatos e peripécias que partilhamos na sala. Mais de uma dezena de pessoas aceita de imediato. Passamos a reunir-nos todos os fins de semana, contando, desde o primeiro minuto, com a Cláudia Elias, voluntária no CPR na área de Português Língua Estrangeira, no levantamento de material, na criação e nos ensaios. Unidos como de uma câmara oculta, trazemos à luz cenas

cómicas vividas em diferentes espaços: no centro de saúde, nas filas do SEF, na obra, na procura de habitação, na aula de português, em que a desconfiança, a falta de calor humano, a ansiedade, o atropelo das regras, os mal-entendidos na comunicação, todos reconheciam, ou até, de algum modo, tinham vivenciado. Esta primeira apresentação é muito marcante pela empatia e encorajamento do público, dos requerentes e refugiados, dos colegas e da direção do CPR, mas são os meses que a antecederam e a transformação sentida pelos elementos do grupo que pesam na decisão de prosseguir, de vencer contrariedades, de ter uma voz ativa e interventiva, chamando a atenção da sociedade portuguesa para variadas situações que tendemos a invisibilizar.

Dar um nome ao grupo foi logo um passo na construção da sua identidade. Aceitam-se sugestões e, numa lista com 18 designações, desconhecendo quem as propunha, o grupo votou, vencendo por maioria RefugiActo. O envolvimento de todos nas mais variadas decisões faz com que o grupo desenvolva uma dinâmica muito própria e uma cultura de respeito pelo outro e de solidariedade. Assume-se como um grupo aberto, integrando todos os anos novos elementos, com vontade de participar e de intervir, mas sem formação ou experiência em teatro e com um

domínio rudimentar da língua de comunicação entre todos: o português.

O RefugiActo começa a participar em celebrações, ações de sensibilização pública, congressos, festas e convívios multiculturais organizados pelo CPR, que por sua vez originam múltiplos convites de outras entidades.

Seguem-se novas peças em que os textos entrecruzam diferentes expressões culturais e saberes, procurando através do desempenho do papel do outro, conhecer, relativizar, questionar e valorizar as diferenças.

“O saber não ocupa lugar” - um concurso em que há de tudo: perguntas e representações sobre diferentes países, a ignorância da bela apresentadora e júri totalmente parcial;

“Dançar sem se atrapalhar” – um concurso animado dedicado à música e à dança de diferentes partes do Mundo, sem vencedores nem vencidos;

“Era uma vez... um ano novo” – uma viagem ao interior de cada um de nós, aos nossos sentimentos perante o que nos rodeia;

“A passagem do ano” – costumes diferentes abraçam-se no desejo comum de que o próximo seja bom para todos.

Celebrando a liberdade, o grupo participa no Arraial Abril com uma pequena peça “A senha”, da autoria de Miguel Castro Caldas

PROPOR PALAVRAS SIGNIFICATIVAS: integração – refugiado - saúde – trabalho – casa – abrigo



PARTILHAR, REFLETIR E DECIDIR.



ADAPTAR HISTÓRIAS E FÁBULAS PARA TODAS AS INFÂNCIAS

CANTAR, DANÇAR, CONVERSAR, CONVIVER



e encenação de Bruno Bravo. No ano seguinte apresenta “Nunca me canso da liberdade”, incluindo poemas de Anabela Fino, Ary dos Santos, Manuel Alegre, Miguel Torga e Reinaldo Ferreira.

A poesia vai ser curiosamente um meio de produção criativa para o grupo em diferentes momentos do seu percurso: dizendo poemas de Hafez, Htoo Ein Thin, Ismail Kadare, Mahmud Darwish, Maria Znobi, Pejman Bakhtiari nas línguas originais e em português; de José Gomes Ferreira e uma coletânea de poemas, denominada “Ecos de Esperança”, com excertos de poemas de Alexandre O’Neill, António Quadros, David Mourão Ferreira, Diego Rivera Morales, Egito Gonçalves, Eugénio de Andrade, Fernando Sylvan, José Craveirinha, Mário Dionísio, Nazim Hikmet, Sebastião da Gama, Sidónio Muralha e Sophia de Melo Breyner Andresen.

São também integrados nas apresentações do grupo textos produzidos na iniciativa Leitura Furiosa e que resultam das conversas dos autores com refugiados, nomeadamente Filomena Marona Beja, Miguel Castro Caldas, Nuno Milagre e Rosa Alice Branco, no trabalho “1 minuto” e no psicodrama “Abrigo”, encenado por Davoud Ghorbanzadeh, uma peça levada à cena muitas vezes e em diferentes locais, que aborda os motivos da partida, os perigos da viagem, a

esperança no futuro num país de que são parte e querem ser parte.

Com base no livro infantil da escritora e ilustradora Annegert Fuchshuber, o grupo lança-se na criação da peça “Carlota”, envolvendo uma maior utilização de elementos cénicos, tal como na peça “Histórias (Re)Inventadas” inspirada em fábulas e contos tradicionais, num cenário mais envolvente e encantatório, sobretudo para as crianças refugiadas.

Em 2010, para celebrar o Dia Mundial do Refugiado e com a orientação artística de Sofia Cabrita, exploram-se as diferenças entre ser turista ou refugiado, quer na partida, quer na chegada, apresentando a peça “Aqui”. No ano seguinte, “Estar Aqui” um trabalho que aborda alguns aspetos da vida quotidiana dos refugiados, nomeadamente as dificuldades sentidas na comunicação e relação com as instituições.

Durante nove anos de intenso trabalho, com muitas apresentações e muitas ideias que queríamos transformar em teatro, sempre nos preocupou a qualidade do que se fazia, conscientes da falta de suporte técnico. Enquanto dinamizadora do RefugiActo procurava proporcionar aos elementos do grupo idas frequentes ao teatro, debatendo-se as diferentes leituras e analisando-

se as peças sob diversos ângulos, aprendendo como espetadores. O grupo também beneficiou de algumas formações e de ajudas pontuais no processo de criação e produção de vários trabalhos por parte de alguns profissionais: António Revez, Bruno Bravo, Miguel Castro Caldas, Raquel André, Sofia Cabrita, Wojtek Grochowalski, procurando-se que as competências adquiridas fossem transmitidas aos recém-chegados que iam integrando o grupo, uma situação recorrente a exigir um grande empenho e dedicação dos elementos do RefugiActo.

Em 2013, abrem as candidaturas para a iniciativa PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social), financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Com base no trabalho desenvolvido pelo RefugiActo ao longo de nove anos, o CPR candidata-se a este financiamento. Concorreram mais de 200 projetos. Ficaram 17. O nosso foi um deles. Foi uma grande alegria!

E assim, no ano em que o RefugiActo completa 10 anos de existência, inicia-se um novo enquadramento propiciado pelo projeto “Refúgio e Teatro: Dormem mil gestos nos meus dedos”. Podíamos agora contar com a orientação artística de Sofia Cabrita, fundamental para potenciar o trabalho do grupo no processo de criação e interpretação de uma dramaturgia.

No 1º ano do projeto, o RefugiActo celebra o seu 10º aniversário, e apresenta na Festa de Fim de Ano, “10 anos - 10 minutos”, uma paródia sobre o grupo e o seu funcionamento, refletindo as suas fragilidades, mas também o seu inegável vigor. Com ensaios regulares ao domingo de manhã, o grupo envolve-se de forma mais comprometida num trabalho com uma duração mais longa, assente nas memórias e vivências de cada um, que denomina “Fragmentos de Teatro” e que vai apresentando em diferentes estágios da sua criação, sobretudo em 2015, ano particularmente trágico, com milhões de refugiados em busca de proteção, impelindo o grupo a agir, a querer usar o teatro como forma de sensibilização e esclarecimento públicos.

Terminado o projeto, no âmbito da iniciativa “Isto é Partis”, a 15 de janeiro de 2017, o RefugiActo apresenta a versão final de “Fragmentos”, uma criação coletiva com excertos de desenvolvida a partir de observações e perguntas: Uma linha imaginária que não podia ser mais real: a fronteira. A espera para passar essa linha e o que se encontra do outro lado. Quem somos? De onde viemos? Porque viemos? Quando nos tornamos refugiados é só isso que somos? Um processo em (re) curso, um papel legal, o nosso nome e a nossa nacionalidade não contam a nossa história. Essa foi nos roubada por quem nos obrigou

a fugir. É preciso recuperá-la e reconstruí-la, com a mesma coragem que triunfou sobre o medo e conseguiu alcançar a liberdade para ser, para pensar, para falar, para amar, para viver.

Embora não conseguindo responder positivamente a todos os convites, o RefugiActo apresentou os “Fragmentos” em diversos pontos do país. Encontrava-se novamente sem orientação profissional e com uma diferente composição. Inicia um processo de conhecimento individual e de interação para uma boa integração no grupo, e de levantamento dramático e criação para uma nova peça. Com textos e citações de Adalberto Alves (Palestina), Amadeu Baptista (Mil Novecentos e Cinquenta e Cinco), Fabio Geda (No mar há crocodilos), “Prometido?” aborda o facto de a vida nem sempre ser harmoniosa e pacífica, confrontando-nos com a violência, a maldade, o preconceito, a discriminação. Porém, os conselhos dos que nos amam, sejam proferidos em árabe, arménio, farsi, lingala, português ou russo, assemelham-se. Veiculam valores humanos como a coragem, o respeito e a solidariedade.

Pretendíamos dar continuidade a esta peça, mas surgem novas alterações na composição do grupo, implicando um certo recomeço e a vontade de fazer algo novo. A pandemia

interrompeu e paralisou de algum modo esse processo em embrião, mas não impediu que o grupo mantivesse encontros regulares online e, pontualmente, presenciais, partilhando vivências e emoções, textos, histórias tradicionais dos diferentes países e, em 2021, o RefugiActo participa na sessão comemorativa dos 30 anos do CPR, no Teatro Thalia, apresentando dois poemas e um sketch.

Com a invasão da Ucrânia, a 24 de fevereiro de 2022, o tema da guerra passou a habitar os encontros do RefugiActo, cujas reflexões foram partilhadas com a escritora Regina Guimarães. O texto dramático que escreveu foi objeto de um longo trabalho de leituras para que todos se apropriassem da narrativa, e antes de se tornar teatro, escolhemos o formato vídeo para começar. “Agora” é um vídeo divulgado no Dia Mundial do Refugiado, graças à colaboração de um grupo de alunos da Escola Superior de Comunicação Social.

Desde a sua formação, o RefugiActo tem sido um espaço de refúgio, habitado por pessoas de muitas proveniências (Afeganistão, Albânia, Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Caxemira, Colômbia, Costa de Marfim, Etiópia, Gana, Geórgia, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Irão, Iraque, Kosovo, Palestina, Mianmar, Nigéria, Portugal, Ruanda, Rússia, Sri Lanca, Ucrânia, A sua constituição

foi variando, integrando adultos e crianças que foram crescendo no seio do grupo. A sua génese assenta na pluralidade e no respeito pela diferença. A sua prática teatral alimenta-se de histórias, memórias, leituras, reflexões, ideias, debates, espoletados por vezes por uma só palavra (abrigo, família, fronteira, preconceito, integração, fiador, guerra, etc.), uma expressão ou um provérbio, um hábito ou costume, uma canção, etc. surgidos nas residências artísticas e nos ensaios, mas também nos momentos de encontro e convívio, tão valorizados pelo grupo. Uma das suas características é a falta de tempo para os ensaios, ditados pelos empregos, a escola e todas as flutuações próprias de um grupo cuja maioria dos participantes está em fase de integração na sociedade e de aprendizagem da língua.

Desde 2004, já passaram pelo grupo mais de 25 nacionalidades diferentes, contamos com 20 criações e perto de 100 apresentações para muitos milhares de espetadores, em muitas localidades portuguesas (Almada, Alvito, Alfragide, Barrancos, Bobadela, Estoril, Évora, Fátima, Leiria, Lisboa, Lourinhã, Loures, Mira Sintra, Odivelas, Oeiras, Póvoa de Sta. Iria, Porto, Setúbal, Vieira de Leiria), em contextos muito diversos (ações de sensibilização pública, congressos, seminários, espetáculos, eventos festivos,

mostras de teatro, etc.) e a convite de variadas instituições públicas e privadas (Câmaras municipais, estabelecimentos de ensino, associações, fundações, etc.).

Por vezes, nas apresentações, as fragilidades do RefugiActo revelam-se com mais evidência e nem sempre correu tão bem quanto queríamos, mas sempre sentimos que os trabalhos apresentados não deixavam o público indiferente. O público refugiado, cujas críticas sempre procurámos obter através de fóruns com o grupo e de avaliações nas aulas de português. O público em geral, porque sentimos que as nossas apresentações criam pontes com a comunidade portuguesa. O público identifica-se, surpreende-se ao ouvir poesia portuguesa, sentindo empatia com os relatos e histórias de vida na primeira pessoa, compreendendo que também nós portugueses temos hábitos e costumes incompreensíveis, agimos de forma estranha.

Testemunhámos isso nas tertúlias e nos muitos debates que se seguiram às apresentações, em diferentes pontos do país. O público levanta questões e dúvidas e esse diálogo, também na língua portuguesa, aproxima, potencia o respeito pelo outro, conseguindo até derrubar ideias feitas e pré-concebidas.

É essa dinâmica que ao longo destes anos tem prevalecido no RefugiActo e que se revela no desejo de ser uma voz, de ultrapassar as barreiras linguísticas e socioculturais, de dialogar, de partilhar e refletir, desenvolvendo o autoconhecimento, o conhecimento do outro e do mundo, produzindo mudança e transformação em cada um de nós e no que nos rodeia.



FAZER, ERRAR E APERFEIÇOAR.



DIZER POEMAS EM PORTUGUÊS E NAS LÍNGUAS MATERNAS: A EXPRESSÃO ORAL E EXPRESSÃO CORPORAL.

EVOCAR PERGUNTAS:



Quais eram os meus sonhos, antes de ser forçado a fugir?

Porque é que falam mal do meu país?



Quando me olham com desconfiança, zango-me com o meu país ou zango-me com esse ar de desconfiança?

COMUNICAR E DEBATER COM O PÚBLICO.



CONTAR HISTÓRIAS DE VIDA, ACONTECIMENTOS, MEMÓRIAS.



“Eu gosto muito do teatro porque fala do que acontece no aeroporto.”

“Gosto porque apresenta a história verdadeira dos refugiados.”

“Gostei porque mostra que os países podem ser muito bonitos, mas se não há segurança, se há fome, guerra, não há nada.”

“Gostei do teatro. Fizeram coisas novas. É bom ter o teatro no DMR¹ porque assim as pessoas sabem o que passam os refugiados.”

“Gosto muito porque mostra refugiados de diferentes países que são intimidados e maltratados, mas no fim são recebidos. É importante ter teatro no DMR¹ porque é educativo.”

“Vimos a peça de teatro. Ainda que não tenha compreendido bem a língua, vi todo o caminho para escapar, vi sentimento de medo e humor. Eu compreendi perfeitamente. Eu gostei desta representação.”

¹DMR - Dia Mundial do Refugiado, celebrado a 20 de junho.

Eu gosto do teatro de história foi para as crianças mas de moral foi para ~~adultos~~ adultos.

Às 16h45 foi a actuação do grupo de teatro Refugiado. Nós vimos um espectáculo muito interessante; foi para uma história de uma rapariga, chama-se "Carlota". Ela foi para outro país que ela não soube antes, ela não tinha amigos, ninguém. Ela foi com fome, com sede, não tinha amigos. Algumas pessoas não a queriam ajudar dela, ela acollheu da policia; Vida foi muito perigosa para ela.

Depois ela encontrou-se com as generosas pessoas que ajudam dela. Nós deram todos, que ela queria e ela foi ter novos amigos, foi alogre e feliz e começou nova vida. Eu gosto de este espectáculo, está para nossa vida, primeiro muitos obstáculos que nós devemos vencer.

Depois foi um espectáculo "Carlota" do grupo teatro Refugiado. Este espectáculo é a história de uma menina "o nome de Carlota". Ela não tem família, amigos e nenhum país. A partir disso espectáculo eu entendi como é a vida muito difícil sem pais sem família e sem amigos.



RefugiActo é entrega. É Amor, Arte e Solidariedade. São gritos, risos, lágrimas e abraços. Ternuras e mãos que se estendem, revoltas que se partilham e risos que se reinventam. Memórias que doem, futuros que se constroem. São muitas (todas) as emoções numa só palavra.

Ao escrever sobre o RefugiActo viaja-me o pensamento. Voo por entre partilhas em palco (e fora dele). Paro em versos de O'Neill – mal nos conhecemos inaugurámos a palavra Amigo - e envolvo-os em ecos de Liberdade, com pitadas de Esperança. Por entre imagens aquecidas em lume brando, recordo atuações, ensaios, passeios e momentos ao ar livre, tagarelando ou ocupando hora e meia a combinar um próximo encontro. “E não pode ser no sábado à noite? Acho que se consegue boleias para todos, mas é preciso chegar a horas.” Ou então “juntamo-nos em outro parque no domingo à tarde. Próximo de uma estação do metro.” “Batemos o texto, falamos sobre os figurinos e convivemos um pouco. Levo a minha salada, está combinado.”

Não tenho qualquer dúvida. Existe a minha vida antes e depois do RefugiActo. Como se fosse um filho, um amor que conhecemos e guardamos connosco, qual tatuagem interior. É este o meu sentimento. Por vezes é difícil explicá-lo por palavras, escritas ou faladas. É uma pertença, uma cumplicidade. Vejo-o em silêncio em olhares que por lá fui conhecendo. Vivo-o, cá dentro, e isso basta-me para me sentir privilegiada. Todas as memórias, de repente, transformam-se num espontâneo e caloroso sorriso, mesmo aquelas que precisei desconstruir para seguir em frente. É todo um mundo dentro de outro mundo, mas que me pertence também. Para todo o meu sempre.

CLÁUDIA

O que é que posso dizer do RefugiActo? É um prazer para mim oferecer este testemunho, o qual contém experiências felizes e oportunidades de um maior desenvolvimento linguístico. A minha participação começou com o convite da professora Isabel depois de ver o meu interesse pelas atividades, digamos, mais interpretativas/dinâmicas das suas aulas. Foi uma boa oportunidade para conhecer amigos de outras culturas e em conjunto praticar a língua portuguesa e, por seu lado, esta oportunidade também representou uma via para elaborar atividades mais artísticas, e com estas, refletir muitas situações do nosso dia a dia como pessoas que se esforçam por se integrarem na bela cultura portuguesa. Sinto-me muito agradecido com o trabalho da professora Isabel, com o RefugiActo e com Portugal, por me permitirem experimentar este grato caminho de desenvolvimento intelectual e cultural.

LEO


Quando em 2013 tive que fugir repentinamente da Rússia e cheguei a Portugal, a minha vida normal desmoronou completamente. Parecia que estava novamente no nível zero. Estudei durante dez anos em dois institutos, escrevi livros, tinha amizade com pessoas altamente educadas, escritores, atores, artistas, visitava teatros, exposições, reuniões criativas, tinha conversas intelectuais e vivia num patamar mais elevado da sociedade. De repente tudo desapareceu, como se nada tivesse acontecido, como se fosse um sonho. Estou num país estranho e exótico, não entendo a língua, não consigo falar, não tenho conhecidos, amigos, ninguém, ninguém me conhece e ninguém se interessa por mim. Estou ao mesmo nível de um gato de rua, alimentado por pessoas de bom coração e nem consigo agradecer pela ajuda.

Comecei a aprender a língua num centro de refugiados. No começo, foi insuportavelmente difícil. E eu realmente não queria aprender uma língua estrangeira, causava-me rejeição. Naquela época, eu não queria viver. As sessões de expressão dramática começaram no centro de refugiados e interessei-me por elas. Lembravam-me a minha infância, quando estudava no estúdio de teatro. Descobri que também existia um grupo de teatro para refugiados e queria muito estar lá. Esperei oito meses. O teatro parecia-me o único lugar que me conectava com o mundo anteriormente familiar. Finalmente, entrei e os ensaios começaram. Foi muito difícil, porque praticamente não entendia a diretora e os colegas, muitas vezes entendia o contrário. Mas aos poucos, principalmente por meio de expressões faciais e gestos, consegui contar momentos da minha vida, e a diretora integrou-os na criação coletiva. Pela primeira vez, comecei a falar frases mais ou menos longas. Antes toda a minha comunicação com o mundo se limitava a algumas palavras: “obrigado, bom dia, boa tarde”. Mas o mais importante para mim é que comecei a sentir-me uma pessoa de novo, uma personalidade. A criatividade, a criação faz de uma pessoa uma pessoa.

MARGARITA

Na R.D Congo eu fazia teatro na rua. Quando eu cheguei e entrei no grupo, com pessoas de outros países, era diferente, mas eu gostei muito desta maneira de fazer teatro, de falarmos sobre os problemas no mundo. E o teatro ajuda muito a aprender a língua. Gostei muito de estar no grupo de teatro.

PHYLEMON



Tal como diz o nome, o RefugiActo permite aos refugiados desabafarem com o público a sua dor de forma que seja mais fácil digerir, através da Arte.

Cada membro dessa família/grupo, sente a saudade doutro elemento, sente as suas dores e as alegrias, algo a que cada vez mais estamos desatentos.

Podemos não ser profissionais em Teatro, mas somos profissionais Refugiados.

O RefugiActo permite/ensina-nos a não termos medo doutro ser humano, seja qual for a sua cor de cabelo, pele ou língua.

Todos os elementos deste grupo sabem que a África não é um país, pois é conjunto de mais de 50 países.

OMID

O teatro é o lugar apropriado que permite e facilita a qualquer refugiado, que goste de teatro, expressar seus sentimentos de tristeza, a dor e a raiva contra todas as injustiças e perseguições que sofreu muitos anos na sua pátria.

O grupo de teatro RefugiActo deu-nos a liberdade para dizer o que sentimos e podemos expressar a nossa esperança e sonhos de uma vida decente para nós e para a nossa família, sem medo, porque nos sentimos seguros e vivemos tranquilos e em paz.

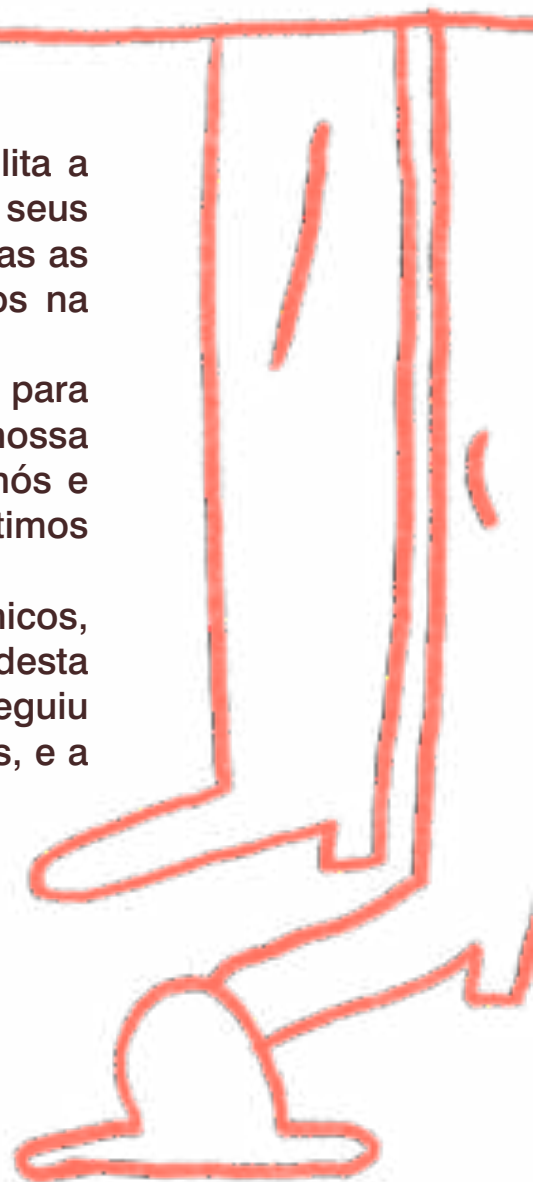
O RefugiActo possibilitou espaços, formação, técnicos, encenadores e dramaturgos voluntários ao serviço desta causa humana e a nossa Isabel Galvão que conseguiu coordenar com êxito este projeto, durante 18 anos, e a quem estamos muito gratos.

Obrigado, RefugiActo.

Obrigado, CPR.

Obrigado, Portugal.

NASRI



Para mim, foi uma nova esperança que começou neste país que agora é o meu segundo país e nunca vou mudar para outro.

Estão na minha memória muitos amigos e amigas que nunca esquecerei - a Isabel Galvão com toda a família do CPR, e os amigos/as de todos os países do mundo, os passeios em que comi uma sopa de pedras, mas que é tão gostosa!

Começamos a fazer teatro como uma brincadeira, com a ajuda de alguns atores e atrizes profissionais e ficámos atores e atrizes amadores muito tempo. Começamos com algumas histórias da nossa vida.

Lembro-me da minha poesia “Pelo sonho é que vamos”. Para nós era mesmo um sonho a saída do nosso país e estar noutra país. Eu gostei muito de dizer esta poesia. Lembro-me também dos sketches no SEF, na obra, no centro de saúde, eu com um braço ao peito e depois ah! ah! ah! parti mesmo um braço, de verdade.

Tenho muitas saudades.

SHERIF

Com a participação no grupo de teatro “RefugiActo”, aprendi tanto socioculturalmente como a língua portuguesa.

Ajudou-me a integrar na sociedade com confiança na vida profissional e pessoal.

Ganhei amizade e conforto ao longo da vida.

NAW

Para mim é uma família, uma família que uma vez por semana normalmente estou com só duas ou três horas. Mas posso contar tudo sem medo e não tenho nada para esconder deles.

Sempre aprendo com eles. Além de língua, aprendi muitas coisas com a minha família do RefugiActo.

SOLMAZ

Sobre chegar e ficar

Cheguei ao Conselho Português para os Refugiados (CPR) em 2008, numa formação para voluntários no Centro de Acolhimento para Refugiados (CAR). Nessa altura, andava a fazer uma pesquisa para um espectáculo documental sobre as migrações. Havia uma ficha para preencher com os nossos dados e quando pus “atriz” no campo “Profissão”, apercebi-me da possível inutilidade dos meus saberes neste contexto de emergência... O que pode o teatro numa situação de fragilidade do outro? De que precisa realmente alguém numa situação como a de um requerente de asilo? Num curto espaço de tempo esta pergunta teve uma resposta clara, quando conheci o Grupo de Teatro Amador RefugiActo, pela mão da Isabel Galvão. Eu faço teatro para me comunicar com o mundo, para o reorganizar intencionalmente numa obra artística, para dar a ver. O RefugiActo faz teatro para ter voz, mas sobretudo para dar voz, e também se comunica, porque se reconta, abrindo assim um espaço generoso onde o diálogo é possível. Ambos fazemos teatro para sobreviver ao que nos rodeia.

Quem chega numa situação de pedido de proteção, precisa de pertencer. No Grupo de teatro procura-se que todos participem nas escolhas dramáticas, todos tomem decisões sobre o que se vai dizer e porquê. A prática teatral obriga a uma certa disciplina ligada à escuta, à repetição, ao respeito pelas ideias – e as ideias precisam de tempo... O tempo no Grupo estica e encolhe conforme o momento em que cada um vive: já tem casa? Vais mudar de cidade? Tenho resposta positiva? Tem trabalho, ou tem folga naqueles dias de espectáculo? Terá ânimo para vir ao ensaio hoje ou há notícias menos boas de longe? Não tens transporte? Ainda conseguirá falar disto? Como estás?

Quem chega precisa de comunicar em português. No Grupo de teatro podemos falar de nós, mas também aprendemos a ouvir os outros e isso dá-nos uma nova perspectiva. Podemos também não falar e usar as histórias dos outros. O que importa, é que se contem as histórias que queremos ver contadas, para as podermos transformar em teatro e dar sentido a isto tudo. Para transformar em teatro é preciso aquecer, ensaiar muito e estudar o texto, é preciso perceber bem as palavras e escolher muito bem os gestos. O corpo é plenamente convocado. Rimos muito, porque o erro faz parte e não está errado. Tudo é material.

Quem chega precisa, acima de tudo, de um lugar seguro, de “uma casa dentro de uma casa”² e o teatro pode ser esse espaço.

SOFIA

² In “Talvez de noite” de Manuel António Pina

RefugiActo para mim foi uma luz no fundo do túnel, uma esperança, quando cheguei em Portugal sentia um enorme vazio, sentia-me como uma folha seca do Outono voando no ar.

O RefugiActo sim foi força, esperança, motivação para a nova vida. Lembro-me tão bem dos primeiros ensaios, cheia de medo que ninguém me ia entender, até tinha medo e vergonha de falar, logo depois percebi que estava no lugar certo, onde podia falar com muitos erros e aprender, corrigir, aprender os textos para a peça de teatro e às vezes sem ter a certeza, sem saber o significado das palavras, “será que percebi bem o significado?”

Os ensaios e o convívio foram uma grande ajuda para aprender a língua portuguesa.


No início senti uma grande zanga, injustiça da minha vida, porque tinha de ser eu refugiada? Porque tinha de deixar toda a minha vida para trás? Com o RefugiActo percebi que eu não era a única perdida, graças a equipa maravilhosa do RefugiActo comecei a ter coragem de falar, mostrar emoções, sentir que a vida continua e era possível começar tudo de novo, novamente ter amigos, pessoas que gostam de nós, ter dias felizes.

RefugiActo, obrigada por tudo.

TAMARA

Quando penso no nosso grupo de teatro, formado e unido pela professora Isabel Galvão, nas pessoas que até hoje fazem parte da minha vida, apesar de já não nos encontramos com tanta frequência, como na época dos ensaios, não consigo esconder uma profunda gratidão ao centro de refugiados e uma íntima ternura com as pessoas, que tive o privilégio de conhecer, trabalhar e gostar sem esperar nada em troca, uma amizade que levo para toda a minha vida! Um amor que vou sempre ter pelo teatro que não olha meios para conseguir unir corações, trazer felicidade a todas as pessoas que assistem as peças e tocar as nossas almas, para nos fazer mais humanos, mais livres e mais sábios.... é um privilégio sem igual.


VALENTINA



“O mundo inteiro é um teatro, e as pessoas nele são atores.” Para mim, esta é a verdade. A minha participação no grupo RefugiActo dá-me força e confiança porque nos nossos encontros conversamos e trabalhamos temas que nos dizem respeito diretamente e sobre o que está a acontecer ao nosso redor. A nossa vida é o nosso palco. As feridas que recebemos em vida “saram-se” quando falamos dos nossos problemas no palco. Mas estes são também os problemas de milhões de pessoas, são problemas mundiais. Acabámos em Portugal movidos alguns pela guerra, alguns pela fome, pela violência. E uniram-se num grupo como pessoas afins, como pessoas que não são indiferentes ao MUNDO, em todos os seus sentidos. E extraímos força para expressar a nossa atitude em relação aos eventos atuais em grupo e uns com os outros.

A vida dita as suas próprias condições. Alguns saem, novos integrantes do grupo chegam. Mas a Isabel nos reuniu e juntos somos fortes. “Vamos, deem as mãos!”

SVITLANA



Estou em Portugal há 20 anos, 13 dos quais fiz parte do RefugiActo.

Tive sorte e privilégio de ter esta experiência numa integração versátil e tão focada no meu desenvolvimento pessoal.

Até agora tenho colhido frutos que foram semeados ao longo destes anos.

Perdi medos, ganhei amigos, aprendi a gerir conflitos e defender vários pontos de vista, encontrei o apoio fora e dentro de mim. Aprendi a criar a partir do que se tem. Felizmente há cada vez mais projetos como este.

E eu sem dúvida tive sorte de estar rodeada de pessoas pioneiras, repletas de amor e coragem que estão entregues a este projeto de alma e coração.

YANA

No RefugiActo conheci muitas culturas diferentes.

No RefugiActo, as minhas diferentes visões sobre arte, religião e política foram respeitadas.

O RefugiActo tem-me ajudado a praticar a língua portuguesa.

O RefugiActo tem-me ajudado a subir no palco.

OMER



breve glossário da prática do teatro em sala de aula

SOFIA CABRITA

Acreditamos que o teatro e as suas práticas podem ser uma ferramenta pedagógica complementar, com turmas de diferentes níveis de língua, culturalmente heterogêneas, mesmo em contexto de salas de aula com uma disposição convencional. Este breve glossário lista alguns conceitos-chave que fomos reunindo durante estes anos de experiência.

aquecimento

Os aquecimentos ajudam a preparar todo o corpo para as sessões, ajudam a “estar pronto”. A tendência é associar aquecimento a exercício físico, mas, no teatro, o aquecimento é um espaço-tempo essencial para criar disponibilidade, evocar a vontade, introduzir as dinâmicas que se seguirão, criar grupo e fazer um corte com o quotidiano. Podemos aquecer as articulações, mas também a imaginação, a vontade, a disponibilidade... Os aquecimentos devem ser preparados tendo em conta o que se vai fazer a seguir e podem ser propostas em micro escala ou mais longos e elaborados .

Corpo

O corpo é o principal instrumento de trabalho do ator. Falamos de corpo-mente, o corpo como um todo, com as suas memórias, hábitos, gestos, posturas, cicatrizes, necessidades, impulsos... Através do teatro, podemos fomentar o uso do corpo fora dos seus padrões quotidianos, desafiando os sentidos, a imaginação, o equilíbrio; promovendo a coordenação motora, a expressividade, a relação com os outros e, mais importante, a relação consigo próprio. A posição sentado à secretária a ouvir um professor, não é a única opção durante um tempo de aula. Posso debater-me em sala de aula com a diferença entre “ser” e “estar” (ser simpático, estar triste) ou posso propor que o corpo (re)descubra essa diferença, na sua linguagem transversal de sentimentos e emoções traduzidos num comportamento físico. A aprendizagem de uma língua que se pode pensar ser um processo cognitivo e essencialmente de oralidade (que também é corpo), assenta sobretudo numa visão de um novo corpo, que se acultura, se disponibiliza, que se expande para lá do que já conhecia. Na língua, como no teatro, também somos “um outro”.

Exemplos de micro-ações para convocar o corpo:

vendar os olhos, partilhar cheiros, sabores, música, promover o toque, mudar de lugar, ficar em círculo, pôr-se de pé, inventar misturas de sentidos: desenhar um movimento, corporalizar uma imagem, dançar um poema; alterar a disposição da sala de aula, usar gestos e ações para substituir palavras; saltar, rebolar, levantar os braços, rodar a cabeça, correr; imitar o outro.

Escuta

A escuta é um exercício que se pratica de diversas maneiras, em diferentes ocasiões e com diferentes objetivos. No teatro, serve os ensaios e a cena, mas serve sobretudo o tempo de criação em grupo. Podemos chamar-lhe escuta ativa, assente numa disponibilidade para ouvir com o corpo todo e reagir em conformidade. Para promover a escuta, o aquecimento é fundamental (um jogo em grande grupo, por exemplo), bem como um ambiente de segurança e descontração, enunciados claros para os exercícios, uma boa gestão do tempo de atenção e do tempo cronológico.

Espaço

O mesmo espaço da sala de aula, pode ser transformado e reconfigurado pontualmente, permitindo a criação de um novo lugar para novas descobertas. Do mesmo modo, o exterior é também um espaço que deve ser aproveitado: permite um uso do corpo com diferentes amplitudes, convoca os outros sentidos, promove a concentração, consente a alteração da velocidade, do volume da voz e do ritmo quotidianos. De resto, em teatro, qualquer espaço (quase) vazio se pode transformar no que quisermos: a mesa que é uma cama, as cadeiras são um banco de jardim, o chão é o planeta Marte; e onde não há nada passa a existir uma cozinha, uma sala de espera, a mão abre portas imaginárias e a voz manda parar aquele táxi que vai a passar...

Exercício

Chamamos exercício a uma proposta de ação ou ações que é enunciada com um objetivo específico, dentro dos parâmetros da criação, imaginação, dramaturgias, promoção da oralidade, corporalidade, relações interpessoais ou aquisição técnica. Os exercícios podem ser inventados e reinventados a partir de outros pré-existentes e/ou inspirados em brincadeiras e jogos (de infância ou não). Na prática do teatro, dentro e fora do contexto do ensino-aprendizagem da língua, importa ter em conta:

o **enunciado** - deve ser claro e apresentado por fases; se possível, começar do mais simples para a fase mais complexa, experimentando. Se se trata de um exercício que visa promover a imaginação mais livremente, o enunciado deve ter em conta que somos mais criativos quando temos um problema para resolver, por isso as regras devem ser mais fechadas e simples.

o **tempo** - é preciso programar o tempo que deverá ocupar na sessão e, para isso, o enunciado deve estar claro quando o fazemos; o tempo cronometrado também é um bom promotor da criatividade. Podemos também propor exercícios muito curtos, que repetimos em modo quase ritual em todas as sessões, alguns são suficientemente extra-quotidianos para cumprirem o seu objetivo eficazmente.

quem - os exercícios devem poder ser feitos e entendidos por todos, de forma igualitária, independentemente da cultura, condição física, autonomia, nível de língua. Se alguém não quiser participar, devemos conseguir adaptar o enunciado inicial, encontrando forma de integrar todos. Outra coisa a ter em conta é o número de participantes, se é suficiente ou se é demasiado para o jogo ou espaço físico disponível.

o **quê** - no teatro e nas Sessões de Expressão Dramática inventámos e adaptámos muitos exercícios de modo a fazê-los corresponder ao que gostávamos de ver trabalhado. Estes objetivos podem ir da promoção da tolerância no grupo, à criação de cenas teatrais, da aprendizagem de conteúdos gramaticais, à desinibição. O mesmo exercício pode ter diferentes objetivos, por isso devemos perguntar-nos antes “o que gostaria que acontecesse? O que quero que este exercício realmente promova?”

improvisação

A improvisação é uma ferramenta muito usada no ensino de línguas estrangeiras, num formato de role play. Contudo, a improvisação é mais um espaço de criação, individual ou coletiva, que tem como ponto de partida os contextos e as identidades de cada participante e não tem respostas previamente definidas como certas ou erradas. Improvisar é saber escutar, tomar decisões, analisar, fazer escolhas, aceitar e propor em consonância com a cena que está a ser criada e conseguir produzir sentidos, respeitando as regras do enunciado.

texto

As palavras ditas precisam de ser entendidas por quem as diz, é preciso gastar algum tempo para explicá-las, promovendo a sua apropriação; escrevê-las num quadro/folha ajuda muito; o texto de alguns diálogos nos Manuais (ou escrito propositadamente) pode ser transformado em pequenas cenas, já que o corpo e o gesto fazem parte da comunicação; a necessidade de articulação oral que o teatro exige, bem como a repetição, são ferramentas perfeitas para a apreensão das palavras.

3.2



Sessões de expressão dramática

Como surgem as sessões de expressão dramática?

Com base na experiência do RefugiActo, que se considerava positiva e inovadora, e validava o teatro como estratégia facilitadora da aprendizagem da língua e da inclusão social, perguntámo-nos: Como podemos estender estas práticas a todos, numa relação ainda mais estreita com as aulas de PLE? Assim, elaborámos o projeto “Refúgio e Teatro: Dormem mil gestos nos meus dedos”, com mais uma vertente dirigida a requerentes e refugiados recém-chegados, confrontados desde logo com a premência de aprender a língua e comunicar em português.

Procurando dar resposta a essa necessidade imediata, no Centro de Acolhimento, a equipa organiza cursos de Português Língua Estrangeira (PLE) com o objetivo de proporcionar uma familiarização inicial com a língua e a cultura portuguesas, bem como a aquisição e alargamento de competências comunicativas.

Com a aprovação do projeto e sua implementação, em 2014, inicia-se um trabalho de estreita articulação entre mim, professora de PLE, e a artista Sofia Cabrita, para que o teatro e a expressão dramática e corporal se confirmassem estratégias facilitadoras da aprendizagem da língua portuguesa e contribuíssem para aliviar sentimentos negativos como a perda, a solidão e a estranheza, para vencer a insegurança, aumentar a confiança e a autoestima.

Com esse propósito, são programadas e dinamizadas Sessões de Expressão Dramática semanais, usando estratégias e exercícios diferenciados, capazes de integrar todos os participantes, com jogos de interação e concentração, canções, lengalengas, dinâmicas de grupo e improvisações, ajudando a compreender e a interpretar, a conhecer os códigos comportamentais, a ganhar confiança para a comunicação e a recuperar o sentimento de autonomia, numa relação permanente com a temática das aulas de português Nível A1/A2 (identidade, profissão e local de trabalho, família, objetos, gostos, ações a decorrer e repetitivas, saúde, corpo, vestuário, espaço, direções, tempo, elementos e fenómenos da natureza, emoções, atributos, festividades e tradições).



Foi um trabalho intenso, muito partilhado, mas também muito estimulante. A preparação das Sessões fazia-se quase semanalmente, de acordo com as chegadas recentes, as saídas mais ou menos inesperadas, as línguas de comunicação e uma ou outra questão mais premente que surgia no decorrer das aulas de PLE. Participaram nas Sessões de Expressão Dramática mais de 300 pessoas de 36 nacionalidades diferentes, com avaliações regulares sempre muito positivas, confirmando e encorajando o nosso trabalho. Terminado o projeto, procurou-se manter esta prática nos centros de acolhimento, envolvendo também outros colegas de PLE.

Além disso, com base nesse trabalho desenvolvido ao longo de três anos, e motivadas pela vontade de partilhar as metodologias e estratégias usadas na aplicação da prática teatral ao ensino-aprendizagem da língua, elaborámos o Caderno de Práticas Teatrais para a Aprendizagem da Língua, com ilustrações de Emma Andreetti, tradução para inglês de Carlos Jacques e composição gráfica de Eduardo Pulido, de acesso livre em PDF em www.cpr.pt.



**CADERNO DE
PRÁTICAS TEATRAIS
PARA A APRENDIZAGEM
DA LÍNGUA**

Sofia Calista Isabel Galvão



II. FAMÍLIAS DE ANIMAZ (DE ENCORDE)

Este jogo é muito interessante para trabalhar a compreensão da linguagem oral e escrita. É muito divertido e pode ser usado em qualquer situação de aprendizagem. O jogo consiste em desenhar uma família e depois contar a história da família para os outros jogadores. Os jogadores devem tentar adivinhar quem é quem e o que está acontecendo na história.



III. BOLA SONORA

Este jogo é muito interessante para trabalhar a compreensão da linguagem oral e escrita. É muito divertido e pode ser usado em qualquer situação de aprendizagem. O jogo consiste em desenhar uma família e depois contar a história da família para os outros jogadores. Os jogadores devem tentar adivinhar quem é quem e o que está acontecendo na história.



SAAAAAAHMUELI

Gosto porque:

Gosto porque:

- sentimos muita pressão:

pressão do SEF
" " " vazio

- sentimos muita pressão

do SEF
do vazio

- Aqui descomprimos.

Aqui descomprimos.

Outra forma de praticar a língua

- Outra forma de praticar a língua.

O corpo regista a imagem

- O corpo regista a imagem,

nós exprimimo-nos através do gesto.

nos exprimimo-nos através do g

- relação com os outros

- relação com os outros

- é mais fácil memorizar

- é mais fácil memorizar

- quero descobrir o teatro, como

- quero descobrir o teatro, como funciona, etc.

funciona, etc.

lavagem de espírito (no quarto

- lavagem de espírito (no quarto só penso nos problemas,

só penso nos problemas, no que aconteceu)

Futuro:

Futuro:

expor, mostrar, música/aprender/ensinar

expor, mostrar, música, aprender/ensinar,

ir ao teatro, cinema, concertos,

ir ao teatro, cinema, concertos.

SESSÕES DE EXPRESSÃO DRAMÁTICA



പാഠങ്ങൾ



4.1



Casa da Achada

leitura furiosa

4.1.1

Foi em 2003 que os refugiados começaram a participar na Leitura Furiosa, na altura a convite da Associação Abril em Maio. Este projeto cultural foi concebido em Amiens pela Association Cardan, e abraçado pela Casa da Achada (Centro Mário Dionísio), acontecendo anualmente em Lisboa e noutras cidades.



CONVERSAR PARA
INSPIRAR. PARTILHAR
HISTÓRIAS DE VIDA
COM O ESCRITOR.

NO CENTRO DE ACOLHIMENTO



DO ESCRITOR PARA O ILUSTRADOR. ACOMPANHAR A ILUSTRAÇÃO.

Dura três dias. No primeiro dia, sexta-feira, um escritor ou uma escritora desloca-se a um dos nossos Centros de Acolhimento e conversa com um pequeno grupo de refugiados, de diferentes países de origem.

O CPR organiza um almoço, a que se juntam vários trabalhadores do Centro, num momento de convívio e de partilha. Depois, a conversa continua pela tarde.

No sábado, o encontro é na Casa da Achada, um espaço cultural que todos gostam de conhecer.

Ali, o escritor partilha o texto que escreveu, inspirado na conversa e descoberta no dia anterior.

Lê-se, fala-se sobre as palavras, as frases, o texto, podendo até alterá-lo, num exercício de entreajudas que os tradutores online agora vão facilitando.

Há ainda o contacto com os desenhadores e a ilustração do texto.

Após um almoço em que se reúnem todos os participantes, os escritores e os ilustradores, visita-se uma biblioteca ou uma livraria. E, na Casa da Achada, a azáfama continua.

Um grupo de gente criativa e empenhada finaliza, compila, traduz, imprime, musica e ensaia os textos produzidos em Portugal e em França.

No domingo à tarde, encontramos-nos todos na Casa da Achada.

LEITURA PÚBLICA DOS TEXTOS POR ATORES NA CASA DA ACHADA.

ZANGADOS COM A LEITURA?



Na posse de uma brochura ilustrada, seguimos a leitura em voz alta dos textos feita por vários atores, animada de vez em quando por trechos cantados. A finalizar, mais um momento de convívio no jardim da Casa da Achada.

São dias diferentes e inesquecíveis, aproximando a pessoa refugiada de alguém que escreve literatura, abeirando-se de um universo improvável nesta fase da sua vida. Além disso, e como qualquer texto literário, a sua história não se fica pela sua produção. Estes textos, inspirados nas vozes de refugiados, são uma fonte de inspiração para o RefugiActo, integrando-os nas suas criações e, ainda no âmbito da ação do CPR, são também divulgados, lidos e relidos em voz alta nas formações presenciais e e-learning que desenvolvemos para professores, técnicos, voluntários e trabalhadores humanitários envolvidos no acolhimento e integração de refugiados.

Filomena Marona Beja e Jacinto Lucas Pires foram os primeiros a escrever nesse distante ano de 2003, a que se seguiram Armando Silva Carvalho, João Paulo Esteves da Silva, José Mário Silva, Margarida Vale Gato, Miguel Cardoso, Miguel Castro Caldas, Nuno Milagre, Rosa Alice Branco.



OUVINDO E LENDO HISTÓRIAS
EM PORTUGUÊS.

dar a palavra

4.1.2

Na Leitura Furiosa e em todos os contactos estabelecidos através do CPR, a Casa da Achada sentiu que se “abria mundo” à sua volta, que se alargavam horizontes e que podíamos conhecer e compreender melhor as vidas, os percursos, os problemas e as inquietações de gente que foi obrigada a sair do seu país, por vezes bem longe de Lisboa. Afastados geográfica, cultural ou linguisticamente, mas nunca humanamente.

Os encontros proporcionados graças ao CPR trouxeram-nos por isso novas visões do mundo, formas diferentes de pensar, e permitiram-nos ir percebendo como se podem quebrar as barreiras (sociais, económicas, culturais, políticas) que tantas vezes nos impedem de construir um mundo mais justo e solidário, livre de racismos e xenofobias. E vivê-lo na prática, com pessoas concretas e projetos comuns (mesmo pequenos).

Descobrimo pontes que encurtam as maiores distâncias, pontes feitas por vezes de pequenos gestos e simples palavras. Ler, escrever, conversar em várias línguas, o que às vezes pode ser difícil. Trocar uma canção, traduzir uma ideia. Mas sobretudo ver com olhos de ver, escutar com ouvidos atentos. Estarmos – de facto – uns com os outros, e sentirmos que o que fazemos vale a pena.

DIANA DIONÍSIO E PEDRO RODRIGUES

Casa da Achada

LINGALAS, SWAHILIS...

Eram lingalas, swahilis, também tshilubos e kikongos.

Tinham nascido no norte de Angola, longe de Luanda. Mais ainda de Lisboa, onde os encontrei. Onde os conheci.

Três dias de “Leitura Furiosa”, em 2003. Quem eram? Ndmanuele, Matuta, Ilumbe. Quem éramos? O Jacinto. Eu.

Eu, a quem eles contaram fugas a pé e de avião. Falaram de rios, de árvores e de pedras.

Mais tarde, ao que disseram eu juntei uma lontra. E Matuta, que era veterinário, tratou-a. Chamou-lhe Ilumbe e deu-lhe amor.

Escrevi.

Os escritores precisam destes encontros para inventarem o que escrevem.

Afinal, a ficção é a verdade inventada.

FILOMENA MARONA BEJA

Conheci o trabalho do Conselho Português dos Refugiados através da Leitura Furiosa, iniciativa que a Casa da Achada organiza há muitos anos em Lisboa (em parceria com a Cardan, em Amiens, França) e que junta escritores e “pessoas zangadas com a leitura”. No CPR, pude perceber as dificuldades imensas de quem, tendo fugido de contextos muito difíceis, precisa depois de se integrar noutra sociedade, noutra cultura, e de aprender a navegar a burocracia, que muitas vezes lhes deixa a vida numa espécie de limbo durante anos. Testemunhei também o trabalho apaixonado de quem está no CPR a ajudar estas pessoas, dando-lhes as ferramentas de que precisam para tomar de novo em mãos a sua vida. Nunca esquecerei a história de um refugiado africano que, saindo de um contentor depois de onze dias de viagem, pôs a hipótese de não estar exatamente vivo e de o Rossio ser o mundo depois da morte.

JACINTO LUCAS PIRES

4.2



Museu Calouste Gulbenkian

A Fundação Calouste Gulbenkian acompanha-nos há muito nesta jornada de descobrir e apreciar a arte e a cultura através do espólio e das atividades desenvolvidas nos espaços museológicos e de criar elos com a sociedade de acolhimento.

Quer pela sua relevância, quer pela sua diversidade, as visitas ao Museu Calouste Gulbenkian foram logo incluídas na componente sociocultural do ensino-aprendizagem da língua, integrando pessoas provenientes de diferentes países e com diferentes níveis de comunicação em português.

Procurando facilitar esse planeamento, contactou-se a então conservadora Dra. Deolinda Cerqueira, que manifestou agrado e disponibilidade para acolher grupos de visitantes, propondo-se acompanhar um grupo e facultar informações preciosas sobre a Coleção. Partilhávamos o desejo de que, após uma primeira visita de descoberta, em que geralmente os participantes se surpreendem ao verem obras de arte relacionadas com o seu universo cultural, e se maravilham com muitas outras devido à sua estética e à vontade de saber mais sobre outro tempo ou outro lugar, ali voltassem, sem apreensão ou acanhamento.

Muitas visitas se sucederam ao longo dos anos, dando a conhecer o Museu e as suas coleções, mas também outros espaços da Fundação, assistindo a concertos e conferências, desfrutando em todas as ocasiões do seu aprazível Jardim.

Ao longo destes anos, essa experiência e a reflexão sobre a eficácia das atividades foram partilhadas com os Serviços Educativos do Museu, que pretendiam contribuir cada vez mais e melhor para o processo de acolhimento e integração dos refugiados, propondo-se explorar um novo formato de visita, quer para a Coleção do Fundador, quer para Coleção de Arte Moderna, dinamizado pela artista Sofia Cabrita. A visita chamar-se-ia “Aqui eu Conto”, numa referência à importância das narrativas pessoais em

cruzamento com as narrativas das obras de arte e objetos das Coleções.

Esse projeto piloto terminou com uma visita ao Museu Calouste Gulbenkian no dia 18 de maio de 2018, Dia Internacional dos Museus. Desta vez, eram os refugiados os mediadores. Cada um escolheu uma determinada obra de arte ou peça, partilhando com os convidados o seu olhar, ancorado na sua vida e nas suas raízes e na informação que tinham recebido através das visitas.

Após este projeto inovador, o Museu desenvolveu variadas ações com vista a desenhar um programa para visitas escolares dirigidas a migrantes, criando recursos pedagógicos para os professores, através de um protocolo com o CPR.

Nos últimos anos, muitos requerentes de proteção e refugiados, acompanhados por diferentes formadores, têm beneficiado das visitas “Aqui, eu Conto!”, orientadas por diferentes mediadores. Dependendo dos intervenientes: mediador – formador – visitantes, assim como da forma como se desenrola a preparação, como se planeia e dinamiza o diálogo com as obras de arte, como se valoriza e estimula a comunicação em português, cada visita é sempre uma atividade única e irrepetível.

Sabemos que as nossas representações mentais se baseiam na nossa experiência pessoal. E quando vamos a um museu já temos uma imagem que foi adquirida por aprendizagem social. Mas quando essa imagem não existe, quando não se sabe o que é um museu, entra-se num museu? Como despertar interesse perante universos históricos e sociais irreconhecíveis? Como quebrar barreiras na sala de aula e no museu, em espaços e contextos vistos como formais, e numa língua que não é a sua? Como incluir e estimular a partilha?

aqui eu conto

O projeto “Aqui eu Conto!” foi uma experiência prolongada, propícia à descoberta, reflexão e adaptação. Dela decorrem alguns apontamentos que poderão, eventualmente, ajudar numa ida a um Museu ou espaço semelhante, sobretudo se for uma visita guiada por um mediador cultural ou artístico.

Antes da visita



PREPARAÇÃO DA VISITA.
 Descoberta do universo
 lexical a partir da “Caixa
 Azul”, de Lourdes Castro.



Apresentar o perfil do grupo, no momento da marcação da visita, especificando o nível de proficiência linguística e se há língua de transição para que o mediador se possa preparar e também salvaguardar alguma questão de acessibilidade;

Preparar a visita em sala de aula, (mostrando imagens, despertando a curiosidade, estimulando o interesse, antecipando vocabulário-chave);

Posteriormente, na sala de aula, revisitar os espaços, convocando memórias através de imagens (fotos, vídeos) ou materiais adquiridos na visita, convidando à expressão oral e escrita sobre as vivências e emoções sentidas.

Durante a visita

PARA O PROFESSOR/FORMADOR E MEDIADOR:

DESCOBRIR O JARDIM. PASSEAR, CONVERSAR, ATIVAR OS SENTIDOS.



CONHECER “HELÈNE FOURMENT” E O ARTISTA PETER PAUL RUBENS.
Quantos anos tem? O que tem vestido? O que se vê na paisagem?
AS INTERPRETAÇÕES GERAM DIÁLOGO.

Explorar a aprendizagem não formal que acontece numa visita ao Museu, desafiando o professor/formador a envolver-se ativamente na metodologia e propondo ferramentas de ensino em contexto;

Usar os saberes de cada visitante como ponto de partida para apresentar as peças, debater sobre elas, criar novos conhecimentos e incitar à partilha;

Aumentar o vocabulário e o domínio da língua portuguesa, fomentando a expressão oral, através do diálogo e da partilha;

Tornar o equipamento cultural/Museu num lugar de referência no processo de acolhimento e integração de refugiados e migrantes, promovendo a tolerância e a igualdade, usando a arte e cultura como ponte;

Convidar a que os visitantes voltem, apresentando os horários, os transportes, os preços e dias de isenção de bilheteira, a agenda de atividades.

PARA O MEDIADOR:

Não saltar as apresentações (nome e nacionalidade, por exemplo);

Usar verbos no presente do indicativo, sempre que possível;

Evitar vocabulário difícil, ou demasiado técnico;

Estar atento a palavras mais complicadas, que precisam de ser explicadas, em português e noutras línguas mesmo que implique interromper o próprio discurso;

RELEMBRAR AS OBRAS DE ARTE E PALAVRAS SIGNIFICATIVAS. PARTILHAR EMOÇÕES. FAZER PERGUNTAS.

Estar disponível para fazer uma visita mais simples, abdicando de determinadas narrativas ou explicações, para que possa haver lugar para o diálogo e para perguntas;

Frisar vocabulário e conceitos que ajudem a criar um glossário próprio daquela situação/contexto/obra;

Fazer propostas de participação (em forma de pergunta aberta ou enunciando), que levem à partilha de opiniões, culturas, leituras, conhecimento e introduzir essas intervenções na visita.

Não fazer perguntas demasiado pessoais, como poderão ser as relacionadas com religião, opinião política, motivo da deslocação, opinião sobre um determinado país, etc.

O que revela uma imagem?
Como cada um de nós a vê?
CONTAR OU RECONTAR UMA HISTÓRIA.



dar a palavra

VISITAR O MUSEU ENQUANTO SE APRENDE PORTUGUÊS!

As visitas e atividades culturais fazem parte integrante do processo de acolhimento de migrantes e requerentes de asilo. Desde 2002 que há registos de alunos da disciplina de Português Língua Estrangeira (PLE) do Conselho Português para os Refugiados (CPR) em visita ao Museu Calouste Gulbenkian-Centro de Arte Moderna (MCG-CAM). As visitas são encaradas pelos professores como momentos de aprendizagem da língua portuguesa e era pedido à equipa educativa do MCG-CAM que realizasse as visitas em língua portuguesa, apesar de os alunos estarem em diferentes níveis de aprendizagem.



Em 2018, surgiu a oportunidade de a equipa educativa do MCG-CAM colaborar com professores e alunos do CPR no desenvolvimento de estratégias de mediação em museu que visassem a aprendizagem da língua portuguesa e fossem ao encontro das especificidades deste público. Assim nasceu o projeto Aqui eu Conto! A Muitas Vozes que teve por base a metodologia de ensino-aprendizagem de PLE, envolvendo atividades socioculturais e práticas artísticas, adaptando-a para o contexto do MCG-CAM. Nos objetivos iniciais ficou definido que as visitas Aqui eu Conto!, para além de serem momentos de aprendizagem da língua, seriam também momentos de promoção de diálogo intercultural e de aprendizagem entre educadores e educandos tendo como ponto de partida o contacto com obras de arte de várias culturas.



Durante dois anos, desenvolveu-se um processo de investigação-ação com mais de 200 alunos de diferentes nacionalidades, três professores do CPR, duas mediadoras do MCG-CAM e uma designer. Este foi um processo de co-aprendizagem no qual se identificaram as obras de arte e as temáticas com maior potencial para promover conversas transculturais (na linha das palavras geradoras da metodologia de Paulo Freire); se articularam as aprendizagens essenciais do currículo com a abordagem do construtivismo crítico social praticado na altura pelo MCG-CAM; o serviço educativo adquiriu novos conhecimentos sobre a coleção partilhados pelos alunos com as mesmas origens do local de produção das obras; se criaram visitas, uma formação certificada, recursos para professores e um jogo de cartas que pretende transformar a visita ao museu numa experiência significativa, facilitando a comunicação verbal e sistematizando a aprendizagem dos educandos e dos educadores.



Em 2021, as visitas Aqui eu Conto! tomaram o seu lugar na programação educativa do museu e, desde então, professores de todo o país com alunos estrangeiros a aprender português visitam o museu enquanto aprendem português e ficam a saber mais sobre as culturas uns dos outros.

DIANA PEREIRA

**Mediadora e Programadora Cultural
pelo Museu Calouste Gulbenkian**

festival todos

Ainda que dois dos espaços de acolhimento do CPR fiquem situados na fronteira com a grande cidade, para muitos requerentes de proteção e refugiados, Lisboa permanece pouco acessível e desconhecida.

Para quem chega ao nosso país, é fundamental que lhe sejam proporcionados momentos, espaços, eventos que favoreçam o diálogo intercultural, em que se compartilhem saberes, semelhanças e diferenças, em que se derrubem muros e se criem pontes. Para quem cá vive, esse diálogo com o outro é igualmente essencial pois expande conhecimentos, horizontes e conceitos.

Acolher e agir são porventura os verbos que alicerçam esta parceria sociocultural desde os primeiros contactos com os programadores do TODOS, expressos em aspirações comuns de quebrar barreiras físicas e comportamentais, de combater preconceitos, de promover o encontro, o diálogo, a partilha e a descoberta.

PALAVRAS À RUA



AS PALAVRAS ESCOLHIDAS E COSTURADAS POR CADA UM FORMARAM UMA INSTALAÇÃO-MANIFESTO.

Direção artística e de costura de Vera Alvelos.



**COSTUREIROS E APRENDIZES,
TODOS CONTRIBUEM PARA
OS TRABALHOS EXIBIDOS
DURANTE O FESTIVAL.**

Assim, conjugando vontades e esforços, todos os anos, de acordo com as iniciativas previstas, combina-se uma agenda para que requerentes de proteção e refugiados, de diferentes proveniências, participem nos preparativos e na realização desta grande festa multicultural na cidade.

ATELIÊS DE COSTURA



Para além da confeção, apresentação e venda da gastronomia dos seus países, têm participado sempre nos ateliês de costura e ainda noutras oficinas: carpintaria e bricolage, construção e performance de espetáculos teatrais, fotografia.

Fazem-se amizades, criam-se elos, continuando muitos a participar nas edições seguintes, provando que ambientes acolhedores de trabalho e socialização, mesmo pontuais, fazem a diferença.

Esta caminhada teve início na Colina de Santana e no Campo Mártires da Pátria, passou por Santa Engrácia e São Vicente e pela Charneca e Galinheiras e, quem sabe, muitos outros territórios de Lisboa.

SABORES DO MÉDIO ORIENTE.



UM CAFEZINHO DA ERITREIA.



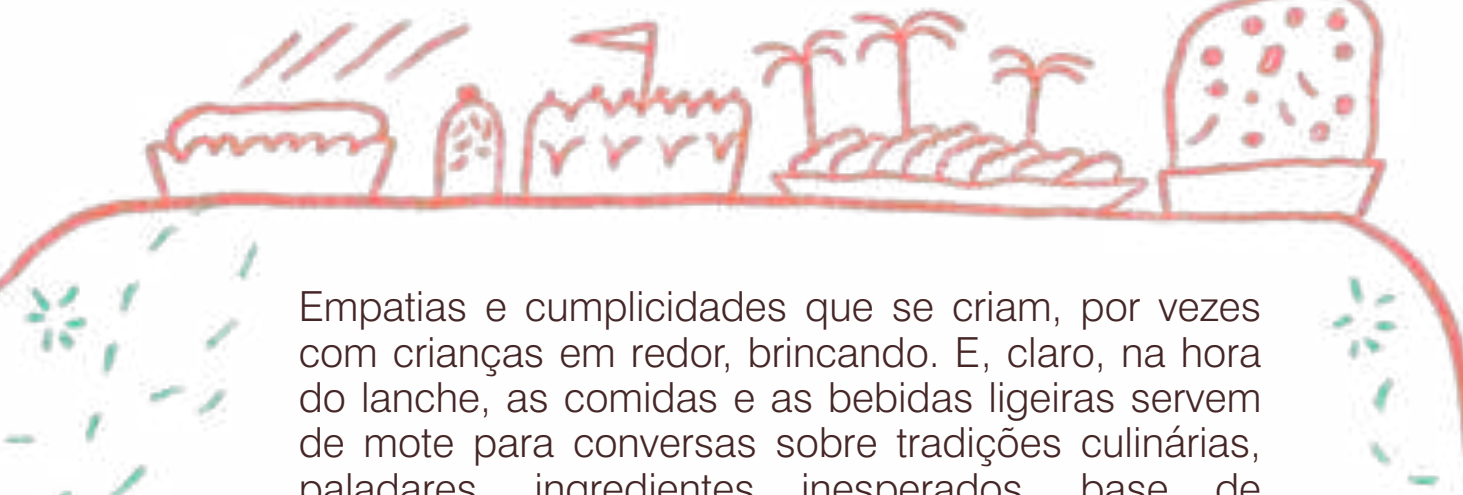
dar a palavra

TODOS - Caminhada de Culturas

**Práticas de convivialidade criativa
para a inclusão social e cultural**

Desde 2016 que o festival TODOS-Caminhada de Culturas abriu as suas portas a pessoas refugiadas recém-chegadas a Lisboa, numa feliz parceria com o CPR. Não havendo uma comunicação verbal imediata – nenhuma dessas pessoas falava português –, foi através dos ateliês de costura que, misturando portugueses com pessoas refugiadas, se estimulou a “convivialidade”, acelerando as necessidades de “comunicação”, nomeadamente oral.

A urgência de produzir, num curto espaço de tempo, uma peça costurada a várias mãos – um pano, um tapete, uma toalha-manifesto de palavras em tecido, enfim – espicaçou a necessidade de comunicação. Em volta das máquinas de costura, pequenos grupos de três ou quatro pessoas, incluindo muitos homens que, de algumas destas paragens distantes, são exímios costureiros, começam a conversar com gestos, expressões e sons, entre sorrisos e gargalhadas, auxiliados pelo tradutor dos telemóveis. Portugueses, sírios, afegãos, iranianos, guineenses, etc. etc., para lá da comum condição humana, têm agora de comum a condição telefónica, realmente facilitadora... Pequenas palavras, belos e criativos trabalhos de costura, pequenas e grandes partilhas de vida, momentos de convívio, orquestrados pela discreta presença de mediadores-artistas, como é o caso de Vera Alvelos.



Empatias e cumplicidades que se criam, por vezes com crianças em redor, brincando. E, claro, na hora do lanche, as comidas e as bebidas ligeiras servem de mote para conversas sobre tradições culinárias, paladares, ingredientes inesperados, base de gastronomias diversas que, rapidamente, convidam a jantares de outros mundos...

Seja como for, parece-nos que um dos aspetos importantes do nosso trabalho com pessoas refugiadas é o de podermos proporcionar o encontro real entre pessoas de diferentes origens, através de práticas de convívio e, desse modo, acelerar uma aprendizagem informal da língua e da cultura portuguesas - neste caso, entreposto do conhecimento simultâneo de outras culturas -, que se cruzam numa experiência de costura ou de gastronomia, mas também de dança, de teatro, de artes visuais, de fotografia, de música. É, então, pela urgência da criação e da criatividade, pelo “desabafo” que se convoca na construção coletiva de um espaço artístico comum – a obra artística ou o projeto cultural -, que se esquecem, por momentos, do passado sofrido, do medo e da discriminação, e se estabelecem novas relações com novas pessoas, abrindo caminhos de Esperança para um novo ciclo de vida. E se avança um pouco mais na construção de um futuro tímido, mas ainda assim, verosímil.

MIGUEL ABREU

Diretor Festival TODOS - Academia de Produtores Culturais

5



dar a palavra
ao CPR

APRENDER, BRINCAR, INTERAGIR, QUEBRAR

Promover a inclusão de requerentes e beneficiários de protecção internacional nas comunidades de acolhimento através de actividades sociais e culturais foi, desde sempre, um objectivo do CPR, entendido como fundamental para o exercício dos direitos cívicos e sociais daquela população.

Com efeito, incorporar na aprendizagem da língua actividades lúdicas proporciona um ambiente acolhedor para as pessoas se conhecerem, interagirem e desenvolverem relações sociais mais fortes e estáveis.

A intervenção participativa nestas actividades permite entender e apreciar as diferentes culturas, as tradições e a história como parte de um processo de inclusão e superar e aceitar as diferenças, identificando os pontos em comum num espírito de cooperação.

Representam momentos de diálogo e de capacitação, mas também de partilha, evocação de memórias, experiências, histórias, emoções e trajetórias de vida de cada um dos participantes, bem como da capacidade de ouvir, reconhecer e respeitar os outros.

AGIR, ARBARREIRAS

O presente caderno introduz roteiros, metodologias, ideias, abordagens, que descrevem a experiência do CPR, esperando que sejam igualmente inspiradoras para os/as leitoras. Descreve como surgiu o “Refugiacto”, bem como a relevância das sessões de expressão dramática e dá a palavra aos participantes, aos parceiros que nos têm acompanhado nestas aventuras e aos colegas do CPR.

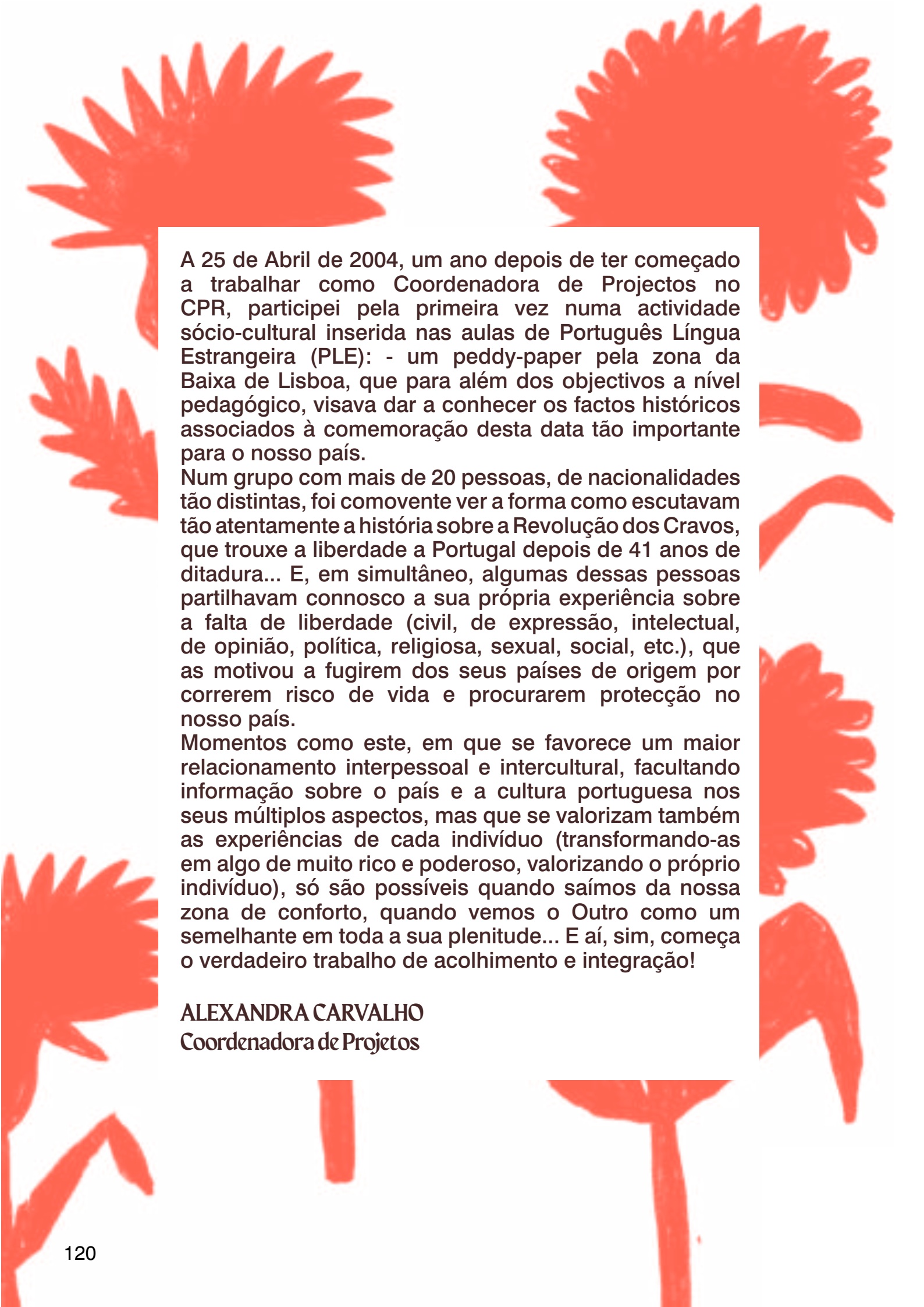
Assim, o desenvolvimento das actividades sociais e culturais é entendido como um processo positivo, dinâmico e participativo, melhor definido através dos seguintes verbos:

**APRENDER, BRINCAR, INTERAGIR,
QUEBRAR BARREIRAS E MEDOS.**

MÓNICA D'OLIVEIRA FARINHA
Presidente da Direção

TITO CAMPOS E MATOS
Vice-Presidente da Direção

E
MEDOS



A 25 de Abril de 2004, um ano depois de ter começado a trabalhar como Coordenadora de Projectos no CPR, participei pela primeira vez numa actividade sócio-cultural inserida nas aulas de Português Língua Estrangeira (PLE): - um peddy-paper pela zona da Baixa de Lisboa, que para além dos objectivos a nível pedagógico, visava dar a conhecer os factos históricos associados à comemoração desta data tão importante para o nosso país.

Num grupo com mais de 20 pessoas, de nacionalidades tão distintas, foi comovente ver a forma como escutavam tão atentamente a história sobre a Revolução dos Cravos, que trouxe a liberdade a Portugal depois de 41 anos de ditadura... E, em simultâneo, algumas dessas pessoas partilhavam connosco a sua própria experiência sobre a falta de liberdade (civil, de expressão, intelectual, de opinião, política, religiosa, sexual, social, etc.), que as motivou a fugirem dos seus países de origem por correrem risco de vida e procurarem protecção no nosso país.

Momentos como este, em que se favorece um maior relacionamento interpessoal e intercultural, facultando informação sobre o país e a cultura portuguesa nos seus múltiplos aspectos, mas que se valorizam também as experiências de cada indivíduo (transformando-as em algo de muito rico e poderoso, valorizando o próprio indivíduo), só são possíveis quando saímos da nossa zona de conforto, quando vemos o Outro como um semelhante em toda a sua plenitude... E aí, sim, começa o verdadeiro trabalho de acolhimento e integração!

ALEXANDRA CARVALHO
Coordenadora de Projetos

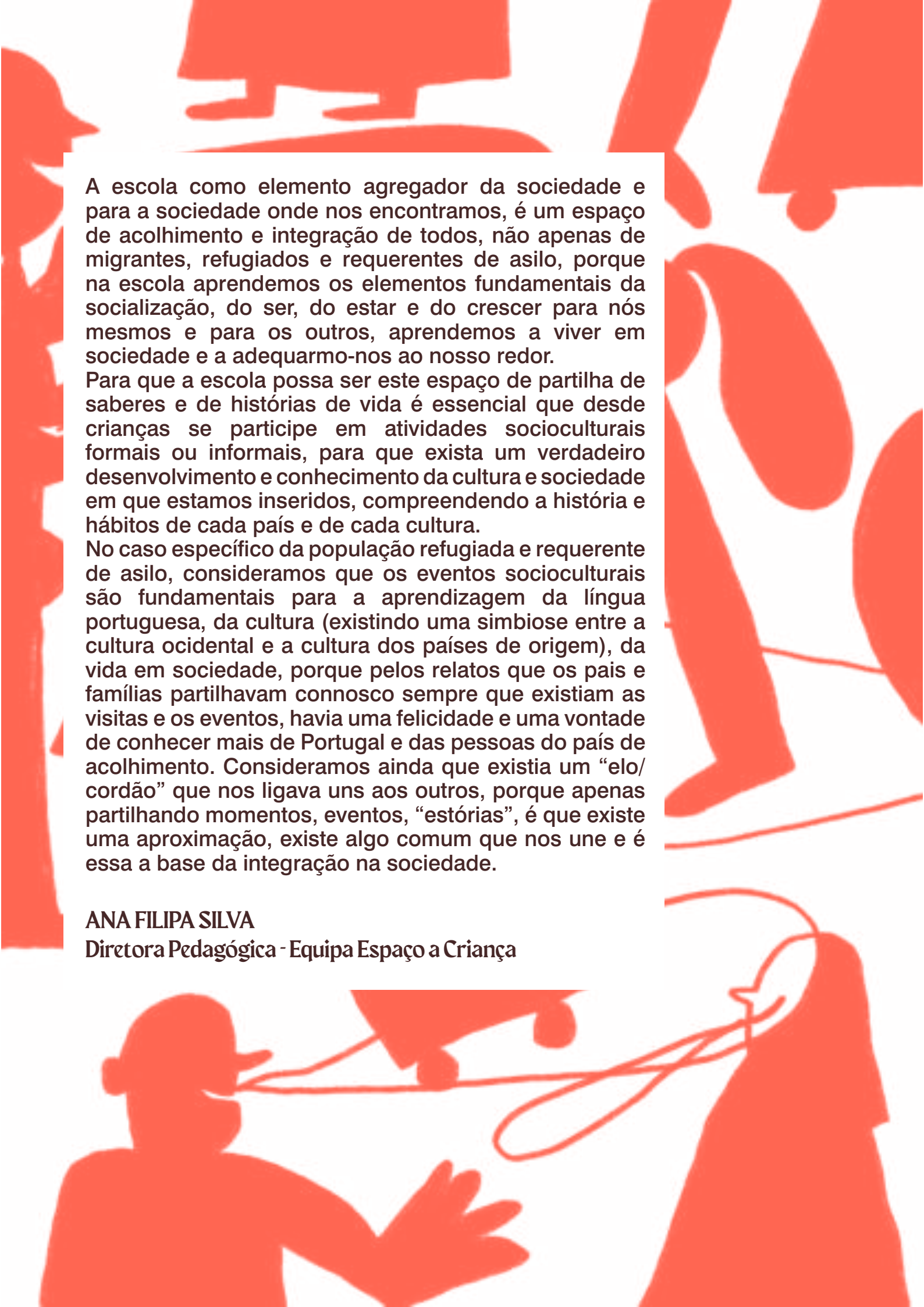
Ao longo da coordenação de um projeto com uma componente de formação em Português Língua Estrangeira (PLE) constatei que as atividades socioculturais desempenham um papel fundamental na aprendizagem da Língua Portuguesa. Além de fornecerem uma abordagem mais dinâmica ao ensino-aprendizagem, esta componente ajuda os alunos/formandos a reconhecerem a importância da língua portuguesa em contextos sociais e culturais diversos.

Os passeios e visitas realizados no âmbito do projeto Interação para a Inclusão recolheram sempre um retorno muito positivo por parte dos alunos/formandos, não só através dos registos fotográficos e das avaliações feitas, mas, sobretudo, pelas partilhas realizadas, por exemplo, quando em atividades encontram semelhanças e pontos em comum com a sua cultura e língua de origem. Para além de motivo de alegria e de elemento potenciador de diálogo, a participação em atividades socioculturais contribui para um maior sentimento de pertença e de reconhecimento, motivando assim à aprendizagem da Língua Portuguesa.

ANA CATARINA SANTOS

Coordenadora do Projeto FAMI 537 - Interação para a Inclusão





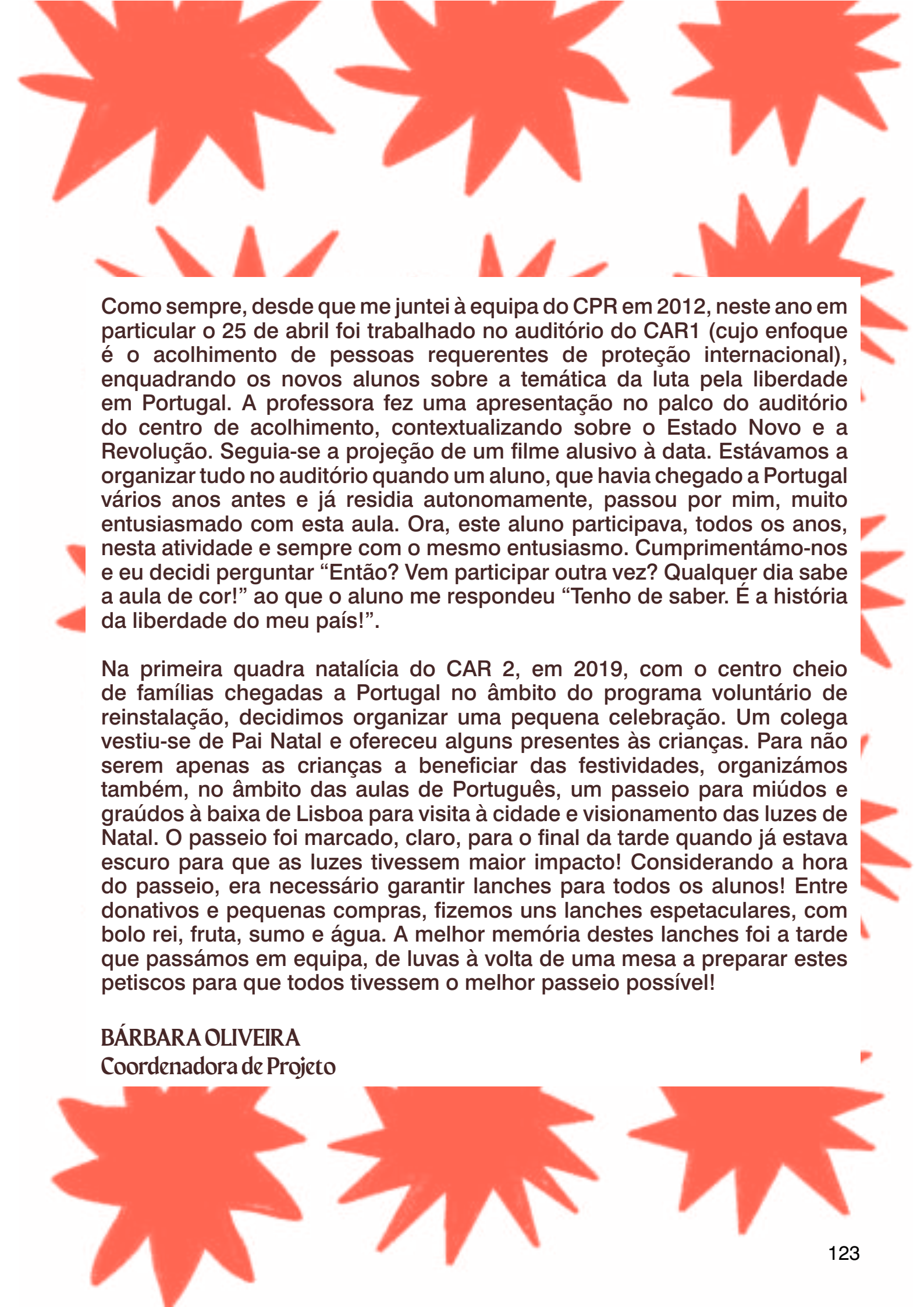
A escola como elemento agregador da sociedade e para a sociedade onde nos encontramos, é um espaço de acolhimento e integração de todos, não apenas de migrantes, refugiados e requerentes de asilo, porque na escola aprendemos os elementos fundamentais da socialização, do ser, do estar e do crescer para nós mesmos e para os outros, aprendemos a viver em sociedade e a adequarmo-nos ao nosso redor.

Para que a escola possa ser este espaço de partilha de saberes e de histórias de vida é essencial que desde crianças se participe em atividades socioculturais formais ou informais, para que exista um verdadeiro desenvolvimento e conhecimento da cultura e sociedade em que estamos inseridos, compreendendo a história e hábitos de cada país e de cada cultura.

No caso específico da população refugiada e requerente de asilo, consideramos que os eventos socioculturais são fundamentais para a aprendizagem da língua portuguesa, da cultura (existindo uma simbiose entre a cultura ocidental e a cultura dos países de origem), da vida em sociedade, porque pelos relatos que os pais e famílias partilhavam connosco sempre que existiam as visitas e os eventos, havia uma felicidade e uma vontade de conhecer mais de Portugal e das pessoas do país de acolhimento. Consideramos ainda que existia um “elo/cordão” que nos ligava uns aos outros, porque apenas partilhando momentos, eventos, “estórias”, é que existe uma aproximação, existe algo comum que nos une e é essa a base da integração na sociedade.

ANA FILIPA SILVA

Diretora Pedagógica - Equipa Espaço a Criança

A decorative border of red starburst shapes surrounds the text. The stars vary in size and are scattered across the page, with some larger ones at the top and bottom, and smaller ones in between.

Como sempre, desde que me juntei à equipa do CPR em 2012, neste ano em particular o 25 de abril foi trabalhado no auditório do CAR1 (cujo enfoque é o acolhimento de pessoas requerentes de proteção internacional), enquadrando os novos alunos sobre a temática da luta pela liberdade em Portugal. A professora fez uma apresentação no palco do auditório do centro de acolhimento, contextualizando sobre o Estado Novo e a Revolução. Seguiu-se a projeção de um filme alusivo à data. Estávamos a organizar tudo no auditório quando um aluno, que havia chegado a Portugal vários anos antes e já residia autonomamente, passou por mim, muito entusiasmado com esta aula. Ora, este aluno participava, todos os anos, nesta atividade e sempre com o mesmo entusiasmo. Cumprimentámo-nos e eu decidi perguntar “Então? Vem participar outra vez? Qualquer dia sabe a aula de cor!” ao que o aluno me respondeu “Tenho de saber. É a história da liberdade do meu país!”.

Na primeira quadra natalícia do CAR 2, em 2019, com o centro cheio de famílias chegadas a Portugal no âmbito do programa voluntário de reinstalação, decidimos organizar uma pequena celebração. Um colega vestiu-se de Pai Natal e ofereceu alguns presentes às crianças. Para não serem apenas as crianças a beneficiar das festividades, organizámos também, no âmbito das aulas de Português, um passeio para miúdos e graúdos à baixa de Lisboa para visita à cidade e visionamento das luzes de Natal. O passeio foi marcado, claro, para o final da tarde quando já estava escuro para que as luzes tivessem maior impacto! Considerando a hora do passeio, era necessário garantir lanches para todos os alunos! Entre donativos e pequenas compras, fizemos uns lanches espetaculares, com bolo rei, fruta, sumo e água. A melhor memória destes lanches foi a tarde que passámos em equipa, de luvas à volta de uma mesa a preparar estes petiscos para que todos tivessem o melhor passeio possível!

BÁRBARA OLIVEIRA
Coordenadora de Projeto

Há alguns anos, a formadora de PLE organizou uma visita à Serra da Estrela e convinha alguém acompanhá-la para dar apoio às pessoas (mais de 50). Voluntariei-me com sentido de missão de dar a conhecer Portugal, território, cultura e história, através da língua portuguesa. Acontece que, na altura, eu própria nunca tinha ido à Serra da Estrela ou visto neve, o que significa que pude partilhar o meu conhecimento teórico com os/as requerentes mas também eu estava à descoberta. Ao longo da viagem, encarnei em guia turística e fui dando as informações que conhecia. Nessa e noutras viagens similares, pude conhecer melhor os/as requerentes, dar-me a conhecer, sem a pressão de um gabinete mas o que para mim ficou de mais significativo, foram:

- os olhos a brilhar de quem por momentos pode esquecer as suas mágoas e incertezas;
- a partilha/experimentação de comida;
- as cantorias (nem sempre afinadas mas sempre animadas);
- as aprendizagens, ao explicar algo sobre Portugal conheci algo de outras culturas, compreendi melhor as pessoas e sei que para elas foram momentos com significado, momentos descodificadores do desconhecido, momentos em que voltaram a se sentir gente.

DORA ESTOURA

Coordenadora da Casa Azul CPR

A hora, o circuito, a entrada. O autocarro, o seguro, o lanche. A lista de inscrições, a lista de presenças, os contactos atualizados. As fotocópias do programa. Porque para ser perfeito, há que tratar de tudo. Ainda se vai acordar quem adormeceu e chamar quem se atrasou na cozinha. O grupo parte. Mais uma atividade se inicia. Ficamos nós no centro à espera do regresso. Coração cheio quando vemos que toda a azáfama valeu a pena. Os momentos eternizados nas (tantas!) fotografias que se tiraram. A certeza da importância deste trabalho nos sorrisos de quem chega e nos fala de paisagens, de histórias, do convívio e da leveza que se viveu. Nas avaliações escritas fala-se em fazer mais, e dão-se pistas de praias e cidades e outras tantas possibilidades. Porque, naquele dia, parece que o mundo ganhou um novo olhar e o futuro uma nova esperança.

FILIPA SILVESTRE

Coordenadora de Projetos

Que desafio! Estava no local certo para apreender, interiorizar e, posteriormente, promover uma Atividade desta categoria se conseguisse utilizar as ferramentas disponíveis.

Confrontei-me com o que estava habituada em tempos... agenda-se uma visita de estudo, solicita-se o pagamento do lugar do autocarro aos Encarregados de Educação, preparam-se os alunos para o dia da Visita de Estudo e no regresso é solicitado um texto narrativo sobre o que assistiram. Nada de errado...apenas muito, muito diferente!

O ensino é isto mesmo uma constante adaptação, flexibilidade, dinâmica de acordo com o público com quem temos o privilégio de colaborar, mas sobretudo aprender. E tanto que aprendi!

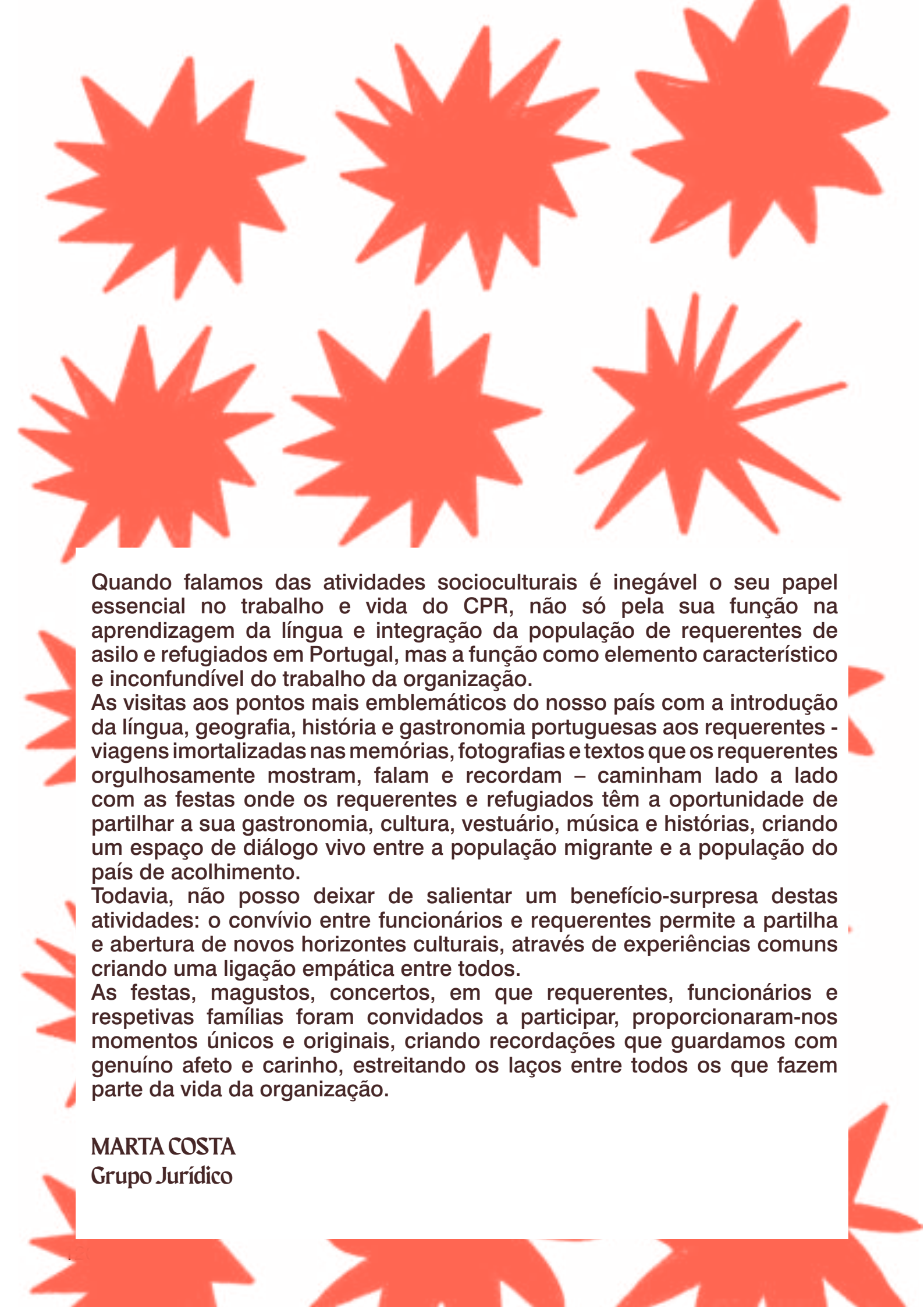
Tenho, neste momento, uma bagagem mais cheia, mais completa, mais consistente e acima de tudo mais consciente do que ainda há para aprender e fazer diferente! Em posteriores funções sei que irei aplicar muito do que aqui se segue, do que vi e confirmei que funciona!

Ressalvo e reforço que tal acontece porque tudo o que me foi partilhado foi autêntico, genuíno, sem receios. Foi-me sempre solicitada opinião por quem promoveu esta metodologia nesta Organização há mais de 20 anos. Uma cooperação, uma parceria exemplares!

Não posso deixar de agradecer a oportunidade de colaboração neste produto e, em simultâneo, o privilégio de privar com a responsável deste exemplar percurso e trabalho – Coordenadora de PLE e ASC ao mesmo tempo que uma conselheira profissional e pessoal e amiga.

MARA FERREIRA

Formadora PLE



Quando falamos das atividades socioculturais é inegável o seu papel essencial no trabalho e vida do CPR, não só pela sua função na aprendizagem da língua e integração da população de requerentes de asilo e refugiados em Portugal, mas a função como elemento característico e inconfundível do trabalho da organização.

As visitas aos pontos mais emblemáticos do nosso país com a introdução da língua, geografia, história e gastronomia portuguesas aos requerentes - viagens imortalizadas nas memórias, fotografias e textos que os requerentes orgulhosamente mostram, falam e recordam – caminham lado a lado com as festas onde os requerentes e refugiados têm a oportunidade de partilhar a sua gastronomia, cultura, vestuário, música e histórias, criando um espaço de diálogo vivo entre a população migrante e a população do país de acolhimento.

Todavia, não posso deixar de salientar um benefício-surpresa destas atividades: o convívio entre funcionários e requerentes permite a partilha e abertura de novos horizontes culturais, através de experiências comuns criando uma ligação empática entre todos.

As festas, magustos, concertos, em que requerentes, funcionários e respetivas famílias foram convidados a participar, proporcionaram-nos momentos únicos e originais, criando recordações que guardamos com genuíno afeto e carinho, estreitando os laços entre todos os que fazem parte da vida da organização.

MARTA COSTA
Grupo Jurídico

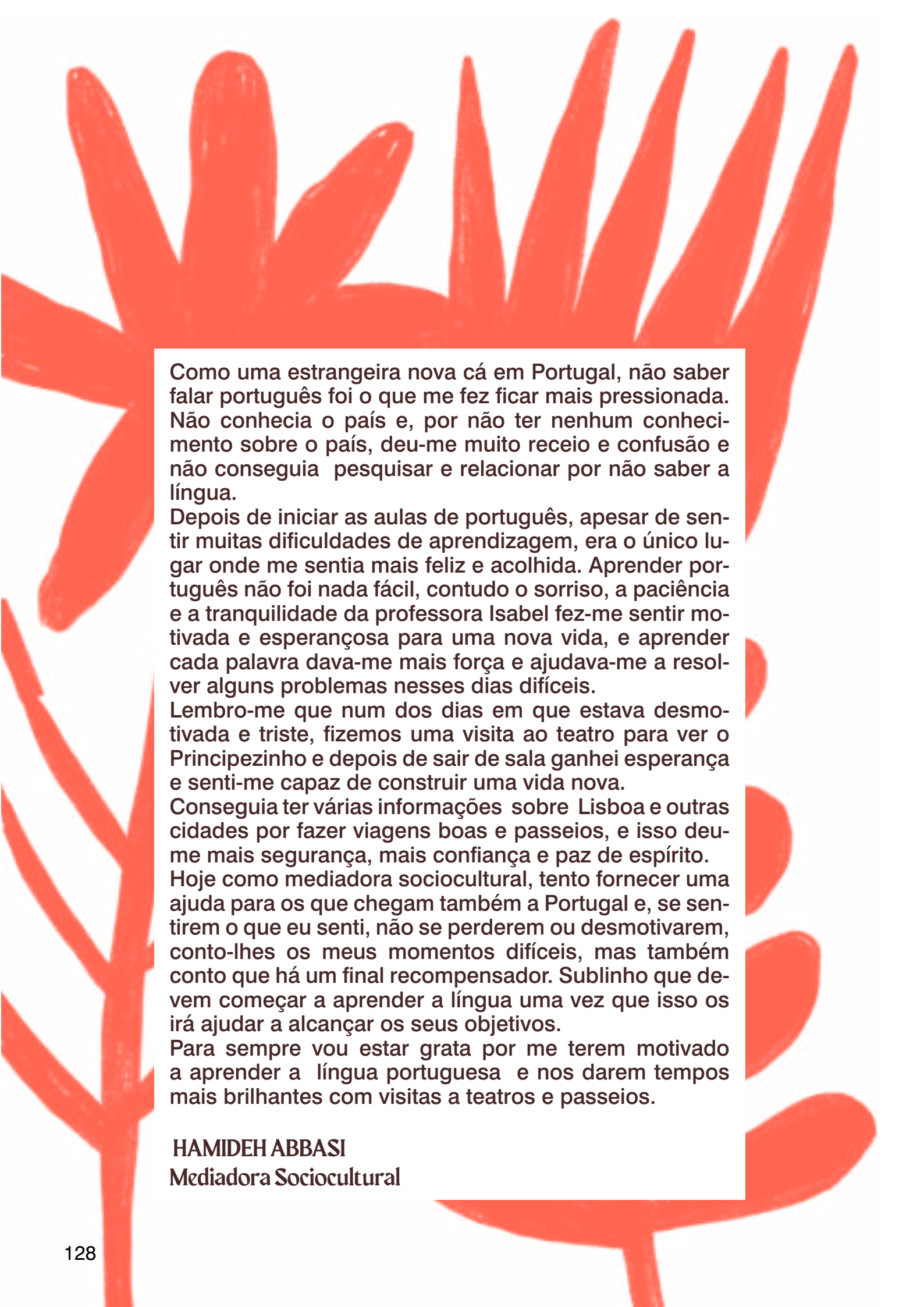
Desafinando na Festa de Fim de Ano

Mais do que lembrar e louvar a importância da Festa de Fim de Ano do CPR - uma festa-convívio não só para comemorar o fim dos cursos de português, mas também a mudança de ano – recorro a presença dos Desafinados nesta confraternização. Não eram apenas os refugiados que partilhavam um pouco da sua cultura e património, com música e poesia, também os técnicos, estagiários e voluntários do CPR brindavam os presentes com a interpretação de uma música popular portuguesa. Qual comportamento antimusical, não era fácil acertar o tom, mas sob a batuta mais afinada de alguns colegas, a Festa de Fim de Ano completava-se desta forma, numa verdadeira partilha e inclusão genuína.

Estes momentos aproximam as pessoas, valorizam a sua história e cultura, e dão esperança a um futuro num novo país. A partilha cultural presente da Festa de Fim de Ano estimula o diálogo intercultural e este une os povos e promove a paz.

MÓNICA FRÉCHAUT

Diretora do CAR2



Como uma estrangeira nova cá em Portugal, não saber falar português foi o que me fez ficar mais pressionada. Não conhecia o país e, por não ter nenhum conhecimento sobre o país, deu-me muito receio e confusão e não conseguia pesquisar e relacionar por não saber a língua.

Depois de iniciar as aulas de português, apesar de sentir muitas dificuldades de aprendizagem, era o único lugar onde me sentia mais feliz e acolhida. Aprender português não foi nada fácil, contudo o sorriso, a paciência e a tranquilidade da professora Isabel fez-me sentir motivada e esperançosa para uma nova vida, e aprender cada palavra dava-me mais força e ajudava-me a resolver alguns problemas nesses dias difíceis.

Lembro-me que num dos dias em que estava desmotivada e triste, fizemos uma visita ao teatro para ver o Príncipezinho e depois de sair de sala ganhei esperança e senti-me capaz de construir uma vida nova.

Conseguia ter várias informações sobre Lisboa e outras cidades por fazer viagens boas e passeios, e isso deu-me mais segurança, mais confiança e paz de espírito.

Hoje como mediadora sociocultural, tento fornecer uma ajuda para os que chegam também a Portugal e, se sentirem o que eu senti, não se perderem ou desmotivarem, conto-lhes os meus momentos difíceis, mas também conto que há um final recompensador. Sublinho que devem começar a aprender a língua uma vez que isso os irá ajudar a alcançar os seus objetivos.

Para sempre vou estar grata por me terem motivado a aprender a língua portuguesa e nos darem tempos mais brilhantes com visitas a teatros e passeios.

HAMIDEH ABBASI

Mediadora Sociocultural

6



agradecimientos

Este Caderno de Atividades Socioculturais espelha de forma muito transparente muitas das estratégias utilizadas na área de ensino-aprendizagem da língua portuguesa no CPR - Conselho Português para os Refugiados, desejando que possa servir de inspiração a quem trabalha em contextos multiculturais e tenha como objetivo um maior envolvimento dos aprendentes no processo de aquisição de competências comunicativas e de inclusão na sociedade portuguesa.

Na sua conceção esteve sempre presente a ideia de DAR A PALAVRA, de nele **incluir** **muitas VOZES**, que refletisse diversos

olhares e participações dentro do CPR, mas também de intervenientes de outras organizações, convidando a partilharem pequenas narrativas.

Simultaneamente, fomos mergulhando nos arquivos de mais de duas décadas de:



lendo centenas de documentos e pesquisando milhares de imagens, de onde iam emergindo memórias e um manancial de sugestões para a elaboração da publicação.

O trabalho de RECOLHA, seleção e sistematização do material foi extenso e foi-se desenvolvendo e evoluindo ao longo do tempo, envolvendo vários ~~colaboradores~~ ^{colaboradores} e reflexões conjuntas que muito agradeço, relacionando o engenho e a criatividade de EMMA ANDRETTI e da MONICA Di Eugenio, o empenho da MARA FERREIRA, a disponibilidade da Ana Santos, e o SABER e a CUMPLICIDADE da SOFIA GABRITA, parceira de longa data na relação entre a aprendizagem da língua e as práticas teatrais, também pelas orientações que produziu no "Teatrário" integrando-as nesta publicação.



Muito obrigada a todas e todos os que através da sua intervenção e dedicação, têm viabilizado ou realizado as atividades socioculturais, garantindo fundos e a sua organização, estabelecendo ou facilitando contactos, proporcionando meios de deslocação, confeccionando lanches, facilitando vestuário adequado, acompanhando e interagindo com os participantes.

um grande abraço

a quem ainda juntou o seu testemunho,
tomando este Caderno mais primático,
com mais camadas, com mais vidas.

Ressoam nele VÁRIAS VOZES, TODAS
EXPRESSAS EM PORTUGUÊS, mesmo quando
a sua língua materna é bem diferente
e arrenta noutro alfabeto, algo que sempre
me incentiva e constantemente me emociona.



Trabel Galvão

Uma palavra de agradecimento às entidades que têm contribuído para a implementação da componente sociocultural dos cursos de Português Língua Estrangeira e Alfabetização no CPR, muito especialmente a quem decide, acolhe, acompanha, anima, transformando a lista abaixo num enorme mosaico colorido cheio de vida.

Guimarães

Câmara Municipal de Guimarães
Paço dos Duques
Venerável Ordem Terceira de S. Francisco

Porto

Casa da Música
Fundação de Serralves – Porto
Casa do Infante
Igreja de S. Francisco
Palácio da Bolsa
Caves de Vinho do Porto Croft

Covilhã

Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior
Museu do Pão

Castelo Branco

Jardins do Paço Episcopal - Diocese

Coimbra

Museu Monográfico de Conímbriga
Universidade de Coimbra

Batalha

Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota
Mosteiro da Batalha

Alcobaça

Mosteiro de Alcobaça

Marinha Grande

Museu do Vidro da Marinha Grande

Peniche

Câmara Municipal de Peniche
Fortaleza de Peniche
Museu Municipal

Tomar

Câmara Municipal de Tomar
Convento de Cristo
Museu dos Fósforos

Caldas da Rainha

Museu da Cerâmica

Lourinhã

Museu da Lourinhã

Alpiarça

Casa dos Patudos

Torres Vedras

Câmara Municipal de Torres Vedras
Azenhas de Santa Cruz

Mafra

Palácio Nacional de Mafra

Sintra

Câmara Municipal de Sintra
Museu de Arte Moderna
Museu do Brinquedo
Palácio Nacional da Pena

Palácio Nacional de Sintra
Palácio Nacional de Queluz
Quinta da Regaleira

Loures

Câmara Municipal de Loures
Museu de Cerâmica de Sacavém
Museu Municipal de Loures
Palácio dos Arcebispos

Vila Franca de Xira

Sociedade Central de Cervejas e Bebidas

Lisboa

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Achada
Casa Fernando Pessoa
Castelo de S. Jorge
Centro Cultural de Belém
Cordoaria Nacional
Espaço Monsanto
Fábrica dos Pastéis de Belém
Festival TODOS - Caminhada de Culturas
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação José Saramago
Jardim Botânico Tropical
Museu Arqueológico do Carmo
Museu Calouste Gulbenkian
Museu da Água
Museu da Farmácia
Museu da GNR
Museu da Presidência da República
Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia
Museu de Artes Decorativas Portuguesas
Museu de Lisboa
Museu de Marinha
Museu do Aljube – Resistência e Liberdade
Museu do Fado

Museu Militar de Lisboa
Museu Nacional de Arqueologia
Museu Nacional de Arte Antiga
Museu Nacional do Azulejo
Museu Nacional do Teatro e da Dança
Museu Nacional dos Coches
Museu RTP
Padrão dos Descobrimentos
Palácio de Belém
Palácio de S. Bento
Palácio dos Marqueses de Fronteira
Palácio Nacional da Ajuda
Panteão Nacional
Teatro Nacional D. Maria
Teatro da Trindade
Teatro Nacional de S. Carlos
Teatro Maria Matos
Teatro Politeama
Torre de Belém

Odivelas

Câmara Municipal de Odivelas
Teatro da Malaposta
Mosteiro de S. Dinis

Amadora

Câmara Municipal da Amadora
Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos
Núcleo Museológico do Casal da Falagueira
Ecocentro
Recreios da Amadora

Oeiras

Câmara Municipal de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Palácio Marquês de Pombal

Cascais

Câmara Municipal de Cascais
Centro Cultural de Cascais
Museu Casa das Histórias Paula Rego
Farol Museu de Santa Marta
Museu Condes de Castro Guimarães
Museu do Mar do Rei D. Carlos

Almada

Câmara Municipal de Almada
Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea
Teatro Municipal Joaquim Benite
Transportes Sul do Tejo

Alcochete

Câmara Municipal de Alcochete
Museu Municipal de Alcochete

Montijo

Câmara Municipal de Montijo
Adega Cooperativa de Pegões
Moinho de Maré
Moinho de Vento do Esteval
Museu Municipal
Preparadora de Pinhões

Palmela

Castelo de Palmela

Setúbal

Câmara Municipal de Setúbal
AURPIA - Azeitão
Castelo de Palmela
Caves José Maria da Fonseca - Azeitão
Convento da Arrábida
Museu de Setúbal /Convento de Jesus
Museu do Trabalho Michel Giacometti

S. Simão Arte - Azulejos Decorativos

Grândola

Câmara Municipal de Grândola

Arraiolos

Câmara Municipal de Arraiolos
Centro Interpretativo dos Tapetes de Arraiolos

Évora

Câmara Municipal de Évora
Catedral de Évora
Capela dos Ossos
Aeródromo de Évora
Universidade de Évora
Herdade da Calada - Igreja

Estremoz

Câmara Municipal de Estremoz
Adega João Portugal Ramos
Museu Municipal de Estremoz

Redondo

Enoteca do Redondo

Reguengos de Monsaraz

Herdade do Esporão

Lousal

Centro Ciência Viva do Lousal

Vila Viçosa

Palácio Ducal de Vila Viçosa



RECTORIA
DA AGRICULTURA
E PESCAÇAS



União Europeia



SECRETARIA
GERAL

www.sgsa.gov.pt